



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

TANIA DENISE DA SILVA MEYER

**GÊNERO E DIVERSIDADE EM AULAS DE ARTE/TEATRO NA ESCOLA:
UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO IFSC**

**Florianópolis
2016**

TANIA DENISE DA SILVA MEYER

**GÊNERO E DIVERSIDADE EM AULAS DE ARTE/TEATRO NA ESCOLA:
UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO IFSC**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado como requisito final à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Prof^a Dr^a Marisa de Souza Napolini

**Florianópolis
2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Meyer, Tania Denise da Silva

Gênero e diversidade em aulas de Arte/Teatro na escola
: uma experiência pedagógica no IFSC / Tania Denise da
Silva Meyer ; orientadora, Marisa de Souza Napolini -
Florianópolis, SC, 2016.

73 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Gênero. 3. Arte. 4. Teatro. 5. Educação. 6.
Identidade. I. Napolini, Marisa de Souza . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Gênero e
Diversidade na Escola. III. Título.

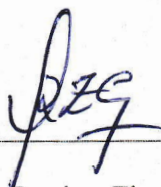
TANIA DENISE DA SILVA MEYER

**GÊNERO E DIVERSIDADE EM AULAS DE ARTE/TEATRO NA ESCOLA:
UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO IFSC**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

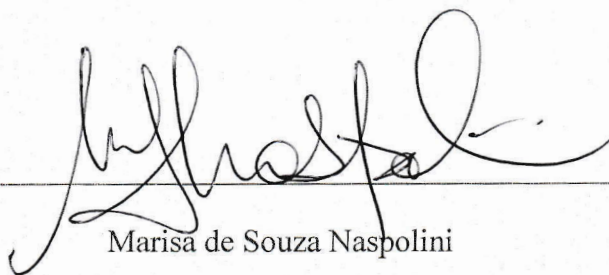
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

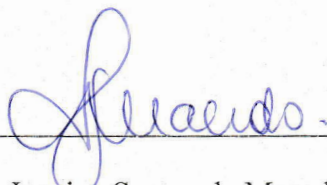
Banca Examinadora:



Marisa de Souza Naspolini



Stefanie Liz Polidoro



Janaina Santos de Macedo

*Dedico este trabalho a meus
Pai, Rubem e Dejanira, a meus filhos,
Aline e Gustavo, e, in memoriam ao
meu marido Lorivo Danilo Meyer.*

AGRADECIMENTOS

Quero, em primeiro lugar, agradecer o privilégio de ter irmãs e pais maravilhosos que, através de seu amor, carinho, atenção e perseverança, me fizeram ser quem eu sou hoje.

Agradeço também aos meus professores, que com sua dedicação, persistência, resistência, amor e entrega à sua profissão, contribuíram de forma concreta na minha formação profissional e na minha felicidade de ser professora e educadora, sabendo pelo seu exemplo que não é uma trajetória fácil, e sim um desafio constante - que nos faz transformadores e transformados em dar e receber o conhecimento, a experiência, a sabedoria e a plena forma de ser humano na vivência da troca que nos modifica e rejuvenesce o tempo todo em nossa atividade profissional de educadores.

Agradeço imensamente à minha orientadora, professora Marisa Naspolini, pela paciência, explicação, tempo, preocupação, orientação, rumo, diálogo e dedicação ao sucesso de meu trabalho, na busca pelo melhor de mim em minha especialização profissional.

Neste momento, quero também agradecer aos meus filhos, que estão sempre ao meu lado, me fortalecendo no amor, carinho e atenção aos meus anseios e necessidades; ao meu marido já falecido, parceiro amoroso das alegrias e companheiro com muita força e fé, nos momentos de turbulência e tristeza.

Aos meus queridos alunos, que com seu afeto, sua juventude, participação, interação, amorosidade e alegria, tornaram realidade o meu trabalho e fortaleceram a minha tese de vida: que somos todos artistas e sempre podemos ser melhores do que já somos, basta nos dedicarmos ao estudo, à técnica e persistir sempre na busca de nossos sonhos.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, que me deram toda a sua força e carinho para não desistir de meu caminho e ter foco no meu trabalho e em meus objetivos de melhorar cada vez mais, adquirindo novos conhecimentos e habilidades, me estimulando e mostrando que nunca é tarde para aprender, e que a renovação de ideias é uma grande aquisição de vida plena para nós professores/educadores; que nos aproxima das novas gerações nos fortalecendo e nos tornando mais jovens na nossa maturidade.

Às minhas queridas amigas, mulheres adoráveis, da infância, adolescência, juventude e velhice, que não me abandonaram jamais. Que riram, choraram, brincaram, debocharam, entristeceram, alegraram, participaram, atuaram, rejuvenesceram,

envelheceram, empurraram, frearam, buscando o melhor de mim, e me fizeram mais feliz em tê-las como amigas e companheiras nos bons e maus momentos, mostrando que uma amiga é também uma irmã, mostrando que não estamos sós.

Agradeço ao grupo de professores e colegas da especialização GDE/UFSC e EaD, que não mediram esforços para fazer e tornar este curso uma realidade para todos nós - uma especialização que nos habilita e nos torna pessoas diferentes, iguais e especiais, revelando que o mais importante é quem nós somos: que somos iguais em nossas diferenças, diferentes pela nossa diversidade, mas iguais em nossas necessidades. Que ao nos colocarmos no lugar do outro nos transforma em seres humanos mais generosos e solidários; que o bem de um é o bem de todos; que o diálogo é necessário e muito mais promissor, e também um possibilitador do encontro com o outro, ao contrário da discussão e da briga. Que as atitudes e ações de respeito e amor nos levam à convivência plena com todos; que a nossa sociedade e os seres humanos são suscetíveis e estão em constante transformação, devendo a escola e a educação estarem preparadas para aceitar, conviver e bem viver com as transformações e as diferenças, sendo essa a melhor forma de buscar a valorização e a garantia dos direitos humanos, da inclusão e da justiça social, para realmente termos um mundo muito melhor, e sendo assim, acreditar que deste modo é possível.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina.

Agradeço, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado. Ao contrário, vem sendo extinguida e

criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

*Se podemos aprender a odiar,
também podemos aprender a amar.*

Nelson Mandela

RESUMO

Este trabalho problematiza, nas aulas de Artes em turmas onde a pesquisadora atua nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio no Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Florianópolis, questões que envolvem a identidade de gênero. Foi aplicado um questionário e feito um esquete teatral a partir do filme “A garota dinamarquesa”. Objetivou-se averiguar a compreensão dos conceitos de gênero, preconceito, igualdade e identidade de gênero, transexualidade, nome social, orientação sexual e diversidade, relacionando a importância da arte no trabalho com o conceito de gênero, no contexto escolar.

Palavras-chave: Gênero. Arte. Teatro. Educação. Identidade.

ABSTRACT

This research discusses, in the Arts lessons in classes where the researcher works in the Integrated Technical Courses to High School at the Federal Institute of Santa Catarina - Campus Florianopolis, issues involving gender identity. A questionnaire was applied and made a theatrical skit from the movie "The Danish Girl". This study aimed to investigate the understanding of gender concepts, prejudice, equality and gender identity, sexual orientation and diversity, relating the importance of art in working with the concept of gender in the school context.

Keywords: Gender. Art. Theater. Education. Identity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPE - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

DALTEC – Departamento Acadêmico de Linguagem, Tecnologia, Educação e Ciência

EaD – Ensino a Distância

ETFSC - Escola Técnica Federal de Santa Catarina

FIC - Formação Inicial e Continuada em Instrumentos Básicos de Orquestra

FinTA – Formação Inicial em Teatro de Animação

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

LaTO – Laboratório de Teatro de Objetos

MEC - Ministério da Educação

ONG - Organização Não Governamental

SETEC - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

UnB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O UNIVERSO DO GÊNERO E SEU LUGAR NA ESCOLA	20
3 ARTE NA ESCOLA – O TEATRO, O CINEMA E A MÚSICA COMO LINGUAGENS POSSIBILITADORAS DA EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE	23
4 A TELA, O TEATRO E A MÚSICA NO MUNDO DA CENA	26
4.1 UNIVERSO DA PESQUISA.....	26
4.1.1 Critérios utilizados	27
4.2. DIALOGANDO COM ARTE E GÊNERO.....	28
4.3 FALANDO SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO COM CONSCIENTIZAÇÃO	29
5 DIALOGANDO COM ALUNOS/AS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA.....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
APÊNDICE A	43
APÊNDICE B.....	44
APÊNDICE C.....	45
APÊNDICE D	61
ANEXO A	63
ANEXO B	64
ANEXO C	71

1 INTRODUÇÃO

Sou professora no Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio e trabalho no Campus Florianópolis no Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC há 20 anos. Minha área de atuação é música e teatro - unidades curriculares que têm por objetivo despertar nos/as alunos/as uma maior liberdade de expressão e também a criatividade, a sensibilização e a imaginação, entre outros. Nesse sentido, acredito que tenho vários desafios para enfrentar em relação à questão de gênero e diversidade, frente ao que observo nas narrativas dos adolescentes, pais e colegas de trabalho. É necessário problematizar e incluir nas discussões curriculares as concepções de gênero, família, violência, homo-lesbo-transfobia, dentre outras. Percebo como essas ideias têm implicações e influências nas desigualdades sociais dentro da escola.

A não discussão pela escola das questões de gênero e diversidade tem como consequência a continuação das desigualdades, sendo as mesmas relegadas a um segundo plano ou ignoradas, mas sempre sentidas por quem sofre o preconceito e a discriminação. Isso também contribui para a evasão escolar, pois legitima a discriminação, não dando alternativa àqueles alunos que não estão dentro da hegemonia cultural heteronormativa (MISKOLCI, 2012).

A escola sempre teve dificuldades em lidar com a pluralidade e a diferença, tendendo a silenciá-las e neutralizá-las, cedendo à homogeneização e à padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que ela está chamada a enfrentar (MOREIRA; CANDAU, 2003).

Contudo, estas dificuldades da escola não atenuam a realidade dos/as seus/suas alunos/as. Em meu trabalho, utilizo como método, ao final de cada aula, fazer uma avaliação compartilhada, em círculo, sentados no chão, em que todos/as possam destacar os pontos considerados positivos e os negativos dos exercícios e assuntos trabalhados durante a aula; nesse momento também são feitos relatos de confiança mútua pelos/as alunos/as.

Como exemplo, cito alguns relatos de alunos/as: um estudante de 16 anos de idade e que etrabalhando na aula de teatro em uma personagem “*drag queen*”. Ele me disse uma frase que considerei muito interessante. Quando questionado se ele se considerava gay, me respondeu com a seguinte frase: “Professora, isto não é o mais relevante. Não importa o meu corpo, nem como me visto ou o meu jeito de falar e andar.

O mais importante é quem sou eu. O resto não interessa, não é necessário rotular isto ou aquilo”.

Outro aluno relatou que ao contar ao seu pai que era gay, o mesmo o espancou até ele sangrar e disse que nunca mais queria ouvir uma coisa daquelas. O rapaz saiu de casa e hoje vive só. É importante destacar que este é um dos raros alunos negros que tenho.

Outra aluna afirmou que tentou várias vezes falar que gostava de meninas para a mãe, que fugia da situação, não deixando margem para a continuidade do assunto, deixando-a frustrada e triste. O relato de outra aluna foi também sobre a mãe, que a havia chamado de “machorra” porque ela não usava uma saia “decente” - só aquelas calças rasgadas e aquele *piercing* horrível no nariz – o que, na opinião da mãe, não a deixava nada feminina. Diante desses relatos, vê-se a importância e pertinência de tratar destas questões na escola, um lugar que deve dar espaço para que se discuta a questão da diversidade, assim como a identidade de gênero e a questão da família.

A escola deve ser um espaço educativo democrático com portas e janelas abertas à discussão destas questões que tanto afligem os nossos jovens, uma vez que em suas casas, na maioria das vezes, não é dada esta oportunidade, perpetuando-se as normas desta sociedade preconceituosa, machista e heteronormativa. Não se vê brecha para que os/as alunos/as expressem suas dúvidas, curiosidades, medos, sexualidade, e que, por sua vez, se sentem sufocados/as. O que resta ao jovem é procurar fora da escola as suas respostas – o que pode ser bastante prejudicial, uma vez que a escola acaba por não cumprir seu papel de educação com qualidade, prezando por seu educando e pelo seu direito ao conhecimento e à vivência plena através da instituição educacional.

No Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Campus Florianópolis, dificilmente se discutem as questões de gênero. Logo, é necessário provocar o diálogo e a compreensão, fazendo com que as pessoas percebam a necessidade de ir além da tolerância, observando também a relevância destas discussões no espaço escolar, para assim contemplar todos os sujeitos, indistintamente, que convivem neste ambiente de saber e de cultura.

Acerca da compreensão de alguns conceitos ligados a gênero, Grossi define:

De uma forma simplificada, diria que sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres; que gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais); que identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma

cultura determinada e que sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos (GROSSI 2010, p. 12).

Recebem-se, na escola, padrões de gênero de comportamento para cada sexo como sendo verdades: coisas de menino e de menina – e assim é passado de geração a geração. Complementando essa ideia, Saffioti propõe:

[...] eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras. Não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero (SAFFIOTI, 1992, p. 10).

A mulher, mesmo não se dando conta, contribui - e muito - para a preservação de conceitos pré-determinados, pois muitas vezes é ela que, em seu papel de mãe, educa e passa mais tempo com os filhos. Consequentemente, perpetua alguns padrões sobre o que é feminino e masculino. Os exemplos mais típicos são “azul é cor de menino e rosa é cor de menina”; “menino não chora”; “menina não senta de perna aberta”; “menino pode andar até mais tarde na rua, menina não”; “menino pode ter várias namoradas, menina não pode porque poderá ser considerada uma sem vergonha ou pior, uma vagabunda”; “menino é forte”, “a menina é sensível”; “menino pode andar desarrumado, a menina deve andar e estar impecavelmente arrumada e linda”, entre outros aspectos e estereótipos.

Durante os conselhos de classe do IFSC, identificam-se depoimentos preconceituosos de colegas das mais variadas unidades curriculares, que diferenciam o que é considerado típico para meninos e para meninas. Ouvem-se, por exemplo, comentários do tipo: “só podia ser um menino para ter este caderno tão feio”; “tinha que ser uma menina para escrever tão bem”; só mesmo um menino para ter nota excelente em matemática”; “é muito raro uma menina tirar uma boa nota em física”.

Percebe-se também uma forte discriminação por parte de alguns professores/as, servidores/as, alunos/as e pais em relação aos/as alunos/as considerados diferentes - afinal, ao se referirem a eles, em vez de tratá-los pelo nome, reafirmam estereótipos do tipo: o menino do cabelo longo e azul, o de *piercing* e todo de preto. Geralmente, os comentários estão associados ao desempenho escolar do jovem com péssimas notas, ou às orientações sexuais dos mesmos, como “a menina que gosta de menina”, sem se referir à aluna pelo nome. Estes fatores do visual e de gênero recebem mais destaque do que o próprio nome (identidade) dos/as alunos/as e lhes confere a razão de irem mal nas

matérias, revelando o puro preconceito e ignorância em relação ao assunto. Acrescenta-se ainda que os diferentes, os dos cabelos coloridos, deveriam fazer arte ou teatro, revelando-se falsas hierarquias das disciplinas das ciências exatas em detrimento das humanas. O preconceito está tão arraigado nestas falas que os/as próprios/as professores/as não percebem, de tão corriqueiro que é para eles/as.

A escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos às diferenças. Daí, a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, questionar relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar (SILVA, 1996, p. 49).

Seguindo o pensamento de Silva (1996), é necessária, cada vez mais, uma escola que pense no desenvolvimento pleno do/a aluno/a e que tenha uma educação que considere as diferenças. Para isto, é fundamental refletir sobre a nossa prática educacional, enfrentar as inúmeras formas de violência, lutar pela equidade de gênero e respeitar a diversidade, tendo em vista os retrocessos em curso que vivenciamos, como por exemplo, a proibição da distribuição do material didático produzido por quem estuda gênero e diversidade.

Há bem pouco tempo, no IFSC, houve um episódio chamado “Rebolaço”. Neste, colegas foram solidários com um menino, organizando um movimento contra o preconceito após esse aluno receber uma mensagem hostil em que era criticada a participação masculina em uma aula de zumba. Por estar em um exercício de dança, rebolando, foi chamado de gay, de maneira pejorativa. Diante disso, os colegas realizaram um encontro no hall da cantina, com a convocação realizada através de uma rede social. Com música e em grupo, dançaram e rebolaram num sinal de clara demonstração de afeto e carinho com o colega. Foi um ato de desmitificação do preconceito de que meninos que rebolam são afeminados.

Esse exemplo mostra o quanto necessitamos, com urgência, falar sobre as questões de gênero e diversidade na escola. Os preconceitos aparecem das mais variadas maneiras, e se não houver discussão por parte de professores/educadores que estudam estas questões, quem trabalhará essas temáticas? É função da escola falar sobre gênero e diversidade, sem dúvida, pois há muito tempo as feministas lutam e exigem os seus direitos e, ainda agora em nosso contexto atual, continuam nas ruas e em qualquer lugar que exija a sua presença, demonstrando o quanto os preconceitos prejudicam a nossa

sociedade e provocam a perpetuação das desigualdades sociais e de gênero. Segundo Grossi,

[...] refletimos sobre de que modo podemos contribuir com as lutas em favor daquela/es que são discriminadas/os, excluídas/os da sociedade, para que possamos reconhecer e exigir direitos, sugerir propostas e acompanhar a execução de ações governamentais. Isso, a princípio, pode ser feito na escola e é nela também que podemos discutir e trabalhar com as questões de gênero para que a igualdade de direitos nesses casos seja para todas/os (GROSSI, 2015, p.73).

Nesse sentido, é nas políticas públicas que se faz necessário fazer valer a voz de educadores, para que não se mantenham as ideias de setores conservadores, os quais não respeitam o estado laico e privilegiam apenas aqueles que, em sua concepção religiosa, consideram dentro dos padrões normais de moralidade e de família, desconsiderando totalmente a discussão de gênero e diversidade nas escolas e promovendo, assim, cada vez mais as desigualdades e o preconceito.

Acerca disso, Piovesan entende que

[...] a implementação do direito à igualdade faz parte de qualquer projeto democrático, pois democracia significa igualdade (no exercício dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais) e a busca democrática requer o exercício dos direitos humanos elementares e o direito à igualdade, que pressupõe o direito à diferença, inspirado na crença de que somos iguais, mas diferentes (PIOVESAN, 2006, p. 43).

Na escola - e em sala de aula – é interessante utilizar atitudes que colaborem com a equidade de gênero, e que garantam a promoção e a valorização das diferenças, mostrando que essas ações só trazem benefícios a todos/as. Frente a estas questões, propõe-se como pergunta de pesquisa para este estudo: “como os/as alunos/as da unidade curricular de artes/teatro do IFSC-Campus Florianópolis percebem a vivência de gênero na escola?”. Esta pergunta fundamenta a investigação deste trabalho que possui, como objetivo geral, discutir com os/as alunos/as, na unidade curricular de artes/teatro, os conceitos de gênero, transexualidade, nome social, preconceito, igualdade e identidade de gênero, orientação sexual e diversidade e a importância do entendimento destes conceitos na vida de todas as pessoas e particularmente no contexto escolar.

Tem-se como objetivos específicos dessa pesquisa:

- a) identificar e discutir os conceitos de gênero, transexualidade, nome social, preconceito, igualdade e identidade de gênero, orientação sexual e diversidade;
- b) promover uma discussão sobre transexualidade e o uso do nome social por meio do filme *A garota dinamarquesa*;

c) desenvolver com os/as alunos/as uma releitura teatral, em formato de esquete, baseada no debate sobre o filme *A garota dinamarquesa*.

A motivação desta pesquisa baseou-se, como já destacado acima, na confusão entre o que é considerado “coisa de meninos e de meninas”. Por exemplo: tocar ”flautinha” (flauta doce) é coisa de menina e, no teatro, um menino fazer um personagem gay não pode porque “pega mal”. Esses são exemplos recorrentes em minha vida profissional de professora/educadora. Sempre resisti quando aconteciam essas situações em sala de aula, refletindo com os/as alunos/as que todos/as temos a capacidade de desenvolver habilidades artísticas, independentemente do gênero, raça/etnia, religião, condição financeira, orientação sexual, deficiência, sexo; todos - indistintamente - têm o direito à arte e a praticar a arte nas suas diversas linguagens (música, teatro, audiovisual, artes visuais, dança...). Por isso, debato com eles/as sobre o que é considerado masculino e feminino, as construções sociais e culturais desenvolvidas historicamente ao longo do tempo e que são passíveis de mudanças, uma vez que o nosso mundo está em constante transformação, cabendo ao educador acompanhá-las e utilizar uma prática pedagógica que inclua a diversidade.

Com esse entendimento, Arroyo pondera que

[...] a resposta às perguntas do “como fazer” e dos “significados”, fica condicionada ao fazer político-criativo-cultural de cada organização escolar, isto é, não há uma prescrição. Nossa escola é o nosso ateliê, e nós somos as/os artesãs/aos deste lugar, que é o lugar por excelência da formação pedagógica das/os professoras/es (ARROYO, 2000).

Essa citação ratifica o quanto a ação e a atitude do/a professor/a em sala de aula fazem a diferença e são fundamentais para que o/a educador/a seja um agente de mudança para uma sociedade com mais justiça social e valorização dos direitos humanos. Em um mundo onde as pessoas se expressam das mais diversas formas, é necessário dar conta dessas novas realidades, contribuindo para não contemplar as violências opressoras de nossa sociedade, e sim promover a diversidade e a inclusão.

O fato de uma escola como o IFSC, que trabalha com educação profissional técnica e tecnológica, possuir espaços apropriados, como sala de teatro, música e artes visuais, professores/as habilitados/as nas respectivas linguagens artísticas, é privilégio para poucos. Essa realidade proporciona a chance de trabalhar a questão de gênero em minhas áreas de atuação, e a partir daí, desmitificar o que é feminino e masculino em relação à arte, trazendo isto para todo o contexto escolar.

Entre as temáticas possíveis para se discutir as problemáticas que envolvem gênero, escolhi a transexualidade como o assunto mais radical e polêmico. Ele provoca ira em algumas pessoas, contribuindo para o ataque violento e mortal contra transgêneros e transexuais. Segundo uma pesquisa da organização não governamental (ONG) *Transgender Europe*, uma rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas 604 mortes no país. “Infelizmente, são pouquíssimas [transexuais e travestis] que conseguem passar dos 35 anos de idade e envelhecer. Quando não são assassinadas, geralmente acontece alguma outra fatalidade”, conta Rafaela Damasceno, transexual que luta pelos direitos dessa população (O IMPARCIAL, 2015).

Recentemente, foram realizadas eleições para a escolha de uma nova diretoria do grêmio estudantil do Campus Florianópolis - IFSC, e uma das chapas concorrentes tinha como lema de campanha “Zero preconceito”, dizendo ainda mais: “por um campus sem preconceito vote na chapa ZERO” (anexo A). A mesma conseguiu ganhar por nove pontos de diferença a seu favor, e passados alguns dias após a vitória, um dos alunos componentes desta chapa colocou em sua rede social a seguinte frase: “Homossexualismo é uma disfunção no corpo, então sim, é uma doença”. Em resposta a esta frase ofensiva, preconceituosa e com total falta de conhecimento sobre o assunto, alguns/mas alunos/as do grupo de teatro Boca de Siri-IFSC começaram a se vestir de maneira nada convencional, metade mulher, com sapato de salto alto, saia e batom e metade homem, de casaco e gravata. Os/as alunos/as do grupo de teatro andavam pela escola tirando fotos com estas vestimentas e colocando-as na mesma rede social com os seguintes dizeres: “Eu não sou uma doença”.

Toda esta polêmica nos mostra o quanto é importante tratar sobre assuntos que envolvem gênero, para melhor informar os/as alunos/as sobre esta temática, tanto para aqueles que já lidam com este assunto, quanto para os que não entendem, para que não se deixem enganar através de propagandas que não contribuem para a verdadeira compreensão do conceito de gênero e dos demais conceitos. Por causa desta minha percepção, escolhi trabalhar e discutir o tema da transexualidade, a princípio, pois senti que é um tema muito pertinente e importante para se trabalhar a partir deste prisma com gênero e diversidade na escola.

Creio que, após a finalização deste projeto, os alunos do IFSC da segunda e terceiras fases, dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, por meio de uma

intervenção pedagógica, poderão compreender amplamente o que é gênero e os demais conceitos, como identidade e igualdade de gênero, preconceito, diversidade, orientação sexual, transexual, nome social e a contribuição transformadora que a arte relacionada ao gênero pode proporcionar.

2 O UNIVERSO DO GÊNERO E SEU LUGAR NA ESCOLA

Os conceitos relativos ao universo do gênero não são de fácil entendimento. Ao contrário, são muito complexos e podem eventualmente confundir mesmo aquelas pessoas que se empenham em estudar e discutir essa temática. Por isso, entendo como muito importante explicitar qual o entendimento que adoto, com base em estudiosos e pesquisadores que têm se debruçado sobre este assunto.

Jaqueline Gomes de Jesus (2012), que é doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília – UnB, pesquisadora do Laboratório de Trabalho, Diversidade e Identidade – LTDI/UnB, professora do Centro Universitário Planalto do Distrito Federal e investigadora da Rede de Antropologia Dos e Desde os Corpos. Foi assessora de diversidade e apoio aos cotistas e coordenadora do Centro de Convivência Negra da UnB. Fundou e presidiu a ONG Ações Cidadãs em Orientação Sexual. Pesquisa gestão da diversidade e movimentos sociais, com foco em gênero, orientação sexual e raça/etnia. Ela começa o seu guia técnico dizendo: “Pare de, sem perceber, misturar pronomes e usar termos preconceituosos e ajude milhares de pessoas a viver uma vida sem violência!” e explica também que seu livro pretende “contribuir para o aprimoramento do debate público sobre diversidade sexual e de gênero, assim fortalecendo a inclusão das pessoas que vivenciam as transgeneridades”. Esta autora trata sobre os seus conceitos de gênero, transexualidade, nome social, preconceito, igualdade e identidade de gênero, orientação sexual e diversidade. Contudo, utilizam-se também outros autores para complementar e aprofundar melhor os conceitos de sexualidade, orientação sexual, igualdade e identidade de gênero e diversidade.

Jesus (2012) define que “mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher” e homem transexual “é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem”. Ainda, defende “identidade de gênero como o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento”. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cis gênero” (JESUS, 2012, p.24). Ainda para Jesus, transgênero é um conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Por transexual entende-se um termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Sugere-se que se evite utilizar o termo isoladamente, uma vez que pode soar ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características dentre outras, e não a única. Sempre se deve referir à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica.

Ainda segundo a autora, preconceito é um juízo preconcebido acerca de algo ou alguém, com base em estereótipos. Predis põe a determinadas atitudes com relação ao objeto do preconceito, que pode ou não se manifestar na forma de discriminação (JESUS, 2012). E o nome social é o nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero.

Segundo Carrara, “[...] a sexualidade envolve um complexo composto por capacidades biológicas e processos psicológicos, cujos sentidos são construídos em função de contextos históricos, sociais, culturais e políticos” (2010, p. 31). Para o mesmo autor, “[...] orientação sexual é o termo usado para se referir à capacidade de cada pessoa de experimentar profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de sexo diferente, do mesmo sexo, ou de mais de um sexo, assim como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas” (2010, p. 43). Já identidade sexual é definida por Carrara da seguinte maneira:

[...] quando falamos em identidade sexual, nos referimos a duas coisas diferentes:
1) ao modo como a pessoa se percebe em termos de orientação sexual (homossexual, heterossexual, bissexual);
2) ao modo como a pessoa torna pública (ou não) essa percepção de si em determinados ambientes ou situações (CARRARA, 2010, p. 58).

Ou seja, identidade sexual é diferente de identidade de gênero, pois para Carrara (2010, p. 43), este segundo refere-se à experiência individual de sentir-se homem ou mulher, independente do sexo biológico atribuído ao nascimento.

A partir das leituras realizadas até aqui e da compreensão dos conceitos e termos estudados, percebe-se que não há, necessariamente, uma conexão entre sexo do corpo, identidade de gênero e orientação sexual, uma vez que são conceitos distintos e que envolvem uma complexidade em relação ao ser humano. Diante disso, o assunto não pode ser tratado de modo simplista. É preciso compreender o controle e o poder

exercidos pela sociedade, que normaliza e determina comportamentos e atitudes em termos de contextos históricos, sociais, culturais e políticos.

A escola é um estabelecimento de ensino coletivo que proporciona conhecimento, experiência, vivência e convivência. E o que se pergunta é: para qual coletivo? Entende-se que a escola deve contemplar todos – indistintamente – proporcionando, de maneira efetiva, direitos equitativos para pessoas diferentes. É preciso diálogo que traga a solução para os conflitos; a briga com as ideias e não com o outro; que os diálogos não sejam apenas condutores do respeito e da tolerância, em relação às questões de gênero no ambiente escolar, mas que proporcionem atitudes de empatia que nos levem à alteridade e à compreensão, à aceitação e à valorização da diversidade.

No IFSC, o uso do nome social por travestis e transexuais é direito do/a aluno/a desde 2010, conforme deliberação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE):

Art 1º Fica determinada a possibilidade da inclusão do nome social de travestis e transexuais nos respectivos registros acadêmicos de todos os campi do Instituto Federal de Santa Catarina, em respeito aos Direitos Humanos, à pluralidade e à dignidade humana, a fim de garantir o ingresso, a permanência e o sucesso de todos no processo de escolarização.

Parágrafo Único: o nome social é aquele por meio do qual travestis e transexuais são reconhecidos, identificados e denominados no meio social, no ato da matrícula ou a qualquer momento, no decorrer do ano letivo (Deliberação CEPE/IFSC Nº 006, de 05 de abril de 2010).

Esta conquista aconteceu devido à luta de uma aluna, mulher *trans*, que foi atrás de seus direitos e buscou as instâncias dentro da instituição escolar que pudessem garantir o seu direito a ter o nome social. Por fim, adquiriu este direito, beneficiando não somente ela, mas todos/as os/as outros/as alunos/as que preferirem utilizar o seu nome social nos documentos da escola.

3 ARTE NA ESCOLA – O TEATRO, O CINEMA E A MÚSICA COMO LINGUAGENS POSSIBILITADORAS DA EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE

A arte, através do teatro, do cinema e da música, tem uma relação importante neste trabalho com a educação de jovens na escola formal e técnica. Buscou-se aliar uma educação focada não só no respeito e na tolerância, mas no diálogo e na compreensão da diversidade, possibilitados não no embate com o outro e sim na ressignificação dos sentimentos e das ideias. Ou seja, a arte é uma expressão humana diretamente conectada a manifestações estéticas - partindo da percepção, emoção e criação, e tendo como um dos objetivos o estímulo ao interesse de reflexão e consciência em uma ou mais pessoas do público. Cada obra de arte possui um significado único e diferente, sendo a experiência vivenciada por cada um através do contato. A partir disso e da crença de que todos são capazes de desenvolver as suas habilidades artísticas, o que falta para a manifestação da arte em alguns é a oportunidade da experimentação, de acordo com o tempo, época, local, estímulo e importância que é dada. A escola e a aula de arte/teatro e música em particular é o local apropriado para fazer acontecer esta experimentação, percepção e criação com arte. Bondía (2002) exemplifica com clareza o poder da experiência:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação (BONDIA, 2002).

No IFSC temos um Cineclubes chamado Ó lhó lhó, onde o público se organiza e estuda, critica, recupera e constrói uma concepção própria e nova do cinema. É um lugar alternativo aos cinemas comerciais, onde as premissas são posicionar-se criticamente e visualizar diferentes formas de cinema/audiovisual, debatendo e refletindo sobre os diversos aspectos das obras apresentadas em cada sessão. A exibição dos filmes é gratuita, sempre seguida de debate.

Fantin (2011) contribui com seu pensamento sobre o papel da linguagem audiovisual na infância, afirmando que é “nesses diálogos com o filme, com o outro, com o outro sobre o filme e com o outro a partir do filme que a criança vai construindo sua experiência de significação” (FANTIN, 2011, p.11).

A partir da experiência de participar de uma das sessões do Cineclubes Ó lhó lhó, me surgiu a ideia de trabalhar com o filme *A garota dinamarquesa*, fazendo uma releitura através de esquete teatral, somada a um debate com o público, logo após a apresentação, no próprio auditório.

Nossa instituição escolar possui um grupo teatral chamado Boca de Siri, com 22 anos de atuação ininterrupta, o que proporciona acesso gratuito com qualidade às artes cênicas à comunidade externa, alunos/as, professores/as e servidores/as, com apresentação no final do ano de um espetáculo cênico.

O Grupo Teatral Boca de Siri – IFSC surgiu na antiga Escola Técnica Federal de Santa Catarina (ETFSC), em 1995, com um grupo de alunos/as que se conheceram durante uma mostra de leituras, organizada pela coordenação de língua portuguesa da escola. O grupo se organizou, durante os meses seguintes, sob a coordenação, a princípio, de uma professora de língua portuguesa. Assim foi criado o Grupo Teatral “Boca de Siri”, que recebeu este nome para homenagear o professor de língua portuguesa, mestre Glauco Rodrigues Corrêa, que se tornou famoso nacionalmente com o conto “Boca de Siri (o caso da pasta preta)”.

A minha participação neste grupo começou em 1999, quando iniciei a Oficina de teatro do Boca de Siri, para contemplar os alunos iniciantes, que desejavam fazer parte do mesmo, mas não tinham nenhuma experiência prévia com teatro. Logo após, a professora Noêmia Brandt Brall – coordenadora - teve que sair e fui convidada para assumir este papel no grupo. Então, a partir do dia 02 de maio de 2000, assumi a coordenação do grupo teatral Boca de Siri, atuando como coordenadora e diretora até o final de 2015, repassando o cargo ao novo professor efetivo de teatro de nossa instituição, o professor Alex de Souza.

O grupo, juntamente comigo, também foi responsável pela criação a partir de 2001, do *Didascálico - Mostra de Arte e Cultura – IFSC*, do qual eu fui coordenadora do início da mostra até o ano de 2014. Atualmente, esta mostra foi institucionalizada pelo IFSC e faz parte dos 22 *campus* do estado, com verba destinada especificamente para a arte e a cultura - o que muito me orgulha, pois em tempos da não obrigatoriedade da arte nas escolas, esta é uma conquista de valorização e resistência importante. Em nosso campus, o *Didascálico* foi desenvolvido em novembro de 2016, com o nome de “CompartilhARTE”, e foram feitas durante cinco dias, apresentações artístico culturais, envolvendo alunos/as, professores/as, servidores/as e pessoas da comunidade em geral. Atualmente, a oficina de teatro recebe o nome de “Laboratório de Iniciação Teatral”.

Além disso, temos o “Laboratório de Teatro de Objetos” - LaTO e o FinTA – Formação Inicial em Teatro de Animação, que foi aprovado recentemente. Todas essas opções possibilitam a inserção na vida de nossos estudantes da arte cênica e o estímulo à participação e atuação.

Na área musical, a instituição possui um coral com 38 anos de atuação, uma orquestra que recentemente comemorou 15 anos, oficinas de violino e viola e uma Formação Inicial e Continuada em Instrumentos Básicos de Orquestra (FIC - Instrumentos Básicos de Orquestra) e outra também de música denominado Formação Inicial e Continuada de Prática de Orquestra (FIC- Prática de Orquestra). Todas estas modalidades artísticas são fundamentais para a expressividade e criatividade de nossos alunos, assim como para as pessoas da comunidade. As aulas são ofertadas gratuitamente, ministradas por profissionais das respectivas áreas, titulados e capacitados com qualidade, tempo de serviço e experiência. Isto proporciona excelentes possibilidades de trabalho e estimula o profissional da área. Diante disso, percebeu-se que seria possível alcançar um resultado bastante positivo, trabalhando-se com arte e concomitantemente com as questões de gênero e diversidade na escola.

4 A TELA, O TEATRO E A MÚSICA NO MUNDO DA CENA

Primeiramente, decidi utilizar a música como estímulo; então levei o meu violão e cantei para eles/as a música de minha autoria (“Você pode Aprender” – apêndice A), cuja letra fala sobre como podemos aprender a respeitar e amar o diferente, sem preconceito e discriminação. Logo após, propus assistirmos ao filme *A garota dinamarquesa*, para despertar interesse nos/as alunos/as sobre a temática da transexualidade, da qual o filme trata, e com isso trazer também a discussão sobre os conceitos de gênero, identidade e igualdade de gênero, nome social, orientação sexual, preconceito e diversidade. Expliquei que faríamos jogos de improvisações teatrais inspirados nas temáticas com gênero, e que trabalharíamos com estes conceitos relacionados.

A partir dos esquetes elaborados em sala de aula, as histórias foram se relacionando entre si, sob a concordância de todos/as. Logo após, foi solicitado que um/a aluno/a se voluntariasse para fazer o roteiro com o material produzido até então - o que foi muito bem-feito por uma das alunas.

Os/as alunos/as sob a minha orientação fizeram a releitura do filme *A garota dinamarquesa* e criaram o esquete teatral denominado “Quebrando as correntes de uma sociedade ignorante” (anexo B), que foi apresentado no auditório do Campus Florianópolis – IFSC, no dia 21 de novembro e logo após promoveu-se um debate com o público presente (anexo C).

A pesquisa proposta caracterizou-se como um estudo de caso de grupo. Ou seja, é uma pesquisa qualitativa de intervenção, que parte de uma condição inicial e sofre uma interferência da pesquisadora para verificar um possível salto qualitativo no resultado final.

4.1 UNIVERSO DA PESQUISA

Este trabalho foi desenvolvido com os/as alunos/as do IFSC da segunda e terceira fase do Curso Técnico em Edificações e Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio, por meio de uma intervenção pedagógica, a partir da qual os/as mesmos/as puderam compreender mais adequadamente alguns conceitos ligados ao universo dos estudos de gênero, tais como: gênero, identidade e igualdade de gênero, preconceito, diversidade, orientação sexual, transexualidade, nome social e perceber a contribuição transformadora que a arte pode proporcionar neste contexto.

O Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC encontra-se com 107 anos de contribuição educacional para a sociedade. É uma instituição pública federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC) por meio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC). Tem sede e foro em Florianópolis, com autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar.

Criados pela Lei 11.892/2008 de 29 de dezembro de 2008, os Institutos Federais são instituições de educação básica, profissional e superior distribuídas por vários *campi*. O IFSC tem como missão desenvolver e difundir conhecimento científico e tecnológico, formando indivíduos capacitados para o exercício da cidadania e da profissão. Especializados na oferta de educação profissional e tecnológica, também têm forte inserção na área de pesquisa e extensão. Como visão, busca ser uma instituição de excelência na educação profissional, científica e tecnológica, fundamentada na gestão participativa e na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Seus valores são ética, compromisso social, equidade, democracia, sustentabilidade e qualidade. Neste sentido, é muito importante a presença da arte na segunda e terceira fase dos cursos técnicos integrado ao ensino médio, que aprimora o conhecimento e o estudo, além da ciência e da tecnologia, valorizando o/a aluno/a em sua integralidade como ser humano.

4.1.1 Critérios utilizados

Os/as alunos/as da turma 321 começaram a rir sem parar ao assistir ao filme e a conversar timidamente durante a exposição do longa-metragem, dizendo que não estavam acostumados a ver as cenas de nudez e de sexo tão claramente. Foram questionados se algum/a aluno/a da turma 311/312 teria algum problema em assistir a um filme com pessoas nuas e cenas de sexo, pois isto estava na programação do trabalho. Um aluno respondeu que - se seus pais soubessem disso - eles iriam até o Departamento Acadêmico de Linguagem Tecnologia Educação e Ciência – DALTEC, e fariam uma reclamação, pois não gostam que isso seja abordado em sala de aula.

Questionei o aluno se gostaria de continuar cursando esta disciplina, e o mesmo respondeu positivamente. Pedi a todos ajuda para esta questão, pois muitos pais pensam como os dele, sendo admirável sua atitude: foi corajoso e autêntico em suas colocações perante todos os seus colegas e a professora, pois a maioria não o faria. Uma aluna deu a sugestão de que na aula seguinte ele não precisaria vir, sem receber falta - pois assistiríamos ao filme e ele não. Já com ele e os/as demais alunos/as, trabalhar-se-ia

com o filme *TOMBOY* (o filme trata da história de uma menina de dez anos, Laure, que tem comportamentos e maneiras de se vestir tipicamente relacionadas ao gênero masculino), o qual veríamos em aula em outra oportunidade.

Esta turma (da terceira fase – 311/312) desistiu da atividade, devido à grande quantidade de faltas dos/as alunos/as e ao desinteresse demonstrado durante o desenvolvimento do trabalho no semestre, o que prejudicou muito o andamento de todo o processo educacional. Na sequência do trabalho, houve a desistência também da turma de terceira fase 321. Os meninos disseram que não queriam mais tratar deste tema por considerarem muito chato e acreditarem que demoraria muito para haver alguma transformação em relação a este tema, sendo esta demora o mais chato e entediante. Foram apresentados vários argumentos para continuarmos com o trabalho, mas não adiantou. Eles permaneceram com a ideia de parar com este projeto de pesquisa e seguir somente com jogos de integração, de improvisação e jogos dramáticos.

A turma 221, de segunda fase de Ensino Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio, no entanto, mostrou-se muito interessada e entusiasmada desde sempre em fazer este trabalho, por isso resolvi continuar somente com a mesma para prosseguir com a pesquisa.

4.2. DIALOGANDO COM ARTE E GÊNERO

Inicialmente optei por trabalhar com três turmas: a turma 221 de segunda fase de Ensino Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio, a turma 321 de terceira fase de Ensino Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio e a turma 311/312 de terceira fase de Ensino Técnico de Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio. Após a escolha, conversei com os/as alunos/as sobre a participação nesta pesquisa sobre Gênero e Diversidade na Escola, sendo desenvolvido um questionário sobre esta temática, que seria respondido em dois momentos: uma vez no início do processo de trabalho e outra vez ao final.

Foram informados sobre a escolha do filme *A garota dinamarquesa* para assistir e trabalhar sobre a temática da transexualidade e a partir daí os demais conceitos de gênero, identidade e igualdade de gênero, nome social, orientação sexual, preconceito e diversidade. Este filme foi escolhido por causa da linguagem próxima à linguagem cênica de atuação. Logo após esses procedimentos, foram realizados exercícios em sala de aula com jogos de improvisação com os temas propostos, para a criação de um

esquete, fazendo uma releitura do filme assistido. Além disso, os/as alunos/as foram alertados também de um debate com o público no final da apresentação e que, a princípio, o trabalho seria apresentado no auditório da escola para nossos colegas e professores/as, decidindo-se depois se reapresentaríamos ou não para o público. Utilizou-se também, como já se falou anteriormente, um estímulo musical: a música “Você pode aprender”, que trata do tema do preconceito e da diversidade.

4.3 FALANDO SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO COM CONSCIENTIZAÇÃO

O estudo de caso de grupo deu-se no IFSC – Campus Florianópolis, com a colaboração de dezessete alunos/as da turma 221 do Curso Técnico de Edificações Integrado ao Ensino Médio, cursando a segunda fase que têm de 14 a 17 anos. A vivência destes/as alunos/as no espaço escolar, durante esta pesquisa, foi de um semestre letivo. São jovens, cada um com seus sonhos e ambições, com histórias de vida diferentes. Para manter o sigilo da identidade dos/as alunos/as, durante a análise os mesmos serão identificados apenas através das letras do alfabeto.

Como motivação para desenvolver o estudo com estes/as alunos/as, o tema foi introduzido aos/as alunos/as através de uma composição musical “Você pode aprender”. Visando ao cumprimento do objetivo de identificar e discutir os conceitos de gênero, transexualidade, nome social, preconceito, igualdade e identidade de gênero, orientação sexual e diversidade, foi elaborado um questionário (apêndice B) com perguntas que contemplavam questões sobre gênero e diversidade na escola. Estas perguntas serão apresentadas em forma de quadro, no capítulo dos resultados alcançados. Para atender ao objetivo de promover uma discussão sobre transexualidade e o uso do nome social, foi usado o filme *A garota dinamarquesa*.

Com a escolha deste assunto, discutiu-se e analisou-se, em parceria com os/as alunos/as, a arte como meio de estímulo. A linguagem artística escolhida foi o cinema, por trabalhar com a arte de atuar, sendo a intenção final instigar os/as alunos/as para a construção de um esquete que abordasse o tema. Desta forma, somente após a exibição do filme é que os conceitos de gênero, transgênero, transexual, nome social, orientação sexual, igualdade e identidade de gênero, preconceito e diversidade foram introduzidos e debatidos.

O filme *A garota dinamarquesa* aborda, dentre outras questões, o tema da transexualidade de forma direta. A recomendação etária do filme é a partir de 14 anos,

sendo, portanto, adequado à idade dos/as alunos/as envolvidos na pesquisa. O filme aborda a história de Lili Elbe (Eddie Redmayne), que nasceu Einar Mogens Wegener e foi a primeira pessoa de que se tem notícia a se submeter a uma cirurgia de mudança de gênero. O foco é o relacionamento amoroso do pintor dinamarquês Einar (Lili) com Gerda (Alicia Vikander) e a descoberta de Einar de seu desejo de se tornar mulher e adotar uma identidade feminina.

5 DIALOGANDO COM ALUNOS/AS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

A aplicação dos questionários foi realizada em dois tempos: antes e depois das aulas e dinâmicas desenvolvidas. Foram realizadas perguntas abertas, e para a análise, desenvolveu-se um quadro que apenas considerava as “respondeu de acordo com a definição” e “não respondeu de acordo com a definição”. Salienta-se que foram aceitas variações sobre o tema, pois nem todas as respostas foram iguais e nem exatas. O objetivo foi comparar o conhecimento absorvido no decorrer das aulas e a mudança de postura – ou não – diante do tema abordado.

Como definição, foram adotados os seguintes conceitos:

- Preconceito é um juízo preconcebido acerca de algo ou alguém, com base em estereótipos. Predispõe a determinadas atitudes com relação ao objeto do preconceito, que pode ou não se manifestar na forma de discriminação (JESUS, 2012).
- Gênero remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais).
- Igualdade de gênero significa que homens e mulheres devem ter os mesmos direitos e deveres.
- Identidade de gênero é o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento (JESUS, 2012).
- Orientação sexual é o termo usado para se referir à capacidade de cada pessoa de experimentar profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de sexo diferente, do mesmo sexo, ou de mais de um sexo, assim como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas (CARRARA, 2010, p. 43).
- Diversidade é tudo que é variável, plural e diferente.
- Transexual é definido por Jesus (2012) através do exemplo que “mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher e homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem”.

- Nome social é o nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero (JESUS, 2012).

Após a devolução da segunda etapa dos questionários, os dados foram tabulados no quadro 1. O questionário com as perguntas está disponível no apêndice B.

Quadro 1: Resultado dos questionários¹

Questão	ANTES DA DINÂMICA				APÓS A DINÂMICA			
	Respondeu de acordo com a definição		Não respondeu de acordo com a definição		Respondeu de acordo com a definição		Não respondeu de acordo com a definição	
	ABS*	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%
3	12	71%	5	29%	13	76%	4	24%
4	0	0%	17	100%	13	76%	4	24%
5	7	41%	10	59%	15	88%	2	12%
8	2	12%	15	88%	12	71%	5	29%
9	5	29%	12	71%	12	71%	5	29%
10	4	24%	13	76%	13	76%	4	24%
11	7	41%	10	59%	13	76%	4	24%
15	8	47%	9	53%	9	53%	8	47%

* ABS: número absoluto.

A segunda turma com a qual trabalhei foi a 221 do Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio, (turma esta que permaneceu até o final do trabalho) com 17 alunos, com idade entre 14 e 17 anos. Fiz as explicações sobre o trabalho a ser desenvolvido no semestre, cantei a música de minha autoria para eles e entreguei a entrevista sobre Gênero e Diversidade na Escola.

Em relação às respostas da turma ao questionário, obtive o seguinte resultado: na terceira pergunta (o que é preconceito?), a grande maioria da turma respondeu com propriedade; na quarta pergunta (para você o que é gênero?), nenhum aluno da turma

¹ O quadro não contempla todos os números, pois algumas questões são apenas para identificação e outras são abertas, não sendo possível quantificar. As respostas na íntegra estão disponíveis no apêndice C.

conseguiu explicar; na pergunta cinco (o que é igualdade de gênero? Comente um pouco sobre isso), houve sete alunos que responderam razoavelmente com propriedade e fizeram bons comentários, os demais não sabiam responder ou responderam com informações que não correspondem ao conceito adotado.

Em relação à sexta pergunta, todos concordaram unanimemente que é muito importante debater sobre gênero na escola. Na sétima questão houve muitas respostas positivas, afirmando que já vivenciaram ações educacionais excludentes: uma menina disse que quando estava no 9º ano falou abertamente na sua escola - menos para seu pai - que é lésbica, e que a diretora da mesma a proibia de abraçar ou dar as mãos para as amigas e também ridicularizava as suas amigas que namoravam; outro menino relatou que o seu professor de religião da 7ª série disse que as pessoas que se denominavam gays ou lésbicas não deveriam ser aceitas na escola. Outro ainda disse que um ex-professor de biologia havia dito que os garotos deveriam se alimentar bem para “virarem homens” e “deixarem de ser menininha”.

Houve também muitas queixas dos/as alunos/as sobre a disciplina de Educação Física do IFSC, que não oferece as mesmas opções de atividades esportivas para as meninas, pois para os meninos existem muito mais opções ofertadas. Em relação à oitava pergunta (o que é identidade de gênero?), apenas duas alunas responderam de acordo com a definição; os demais não sabiam responder ou responderam sem conhecimento de causa.

Na pergunta nove (o que é orientação sexual?), cinco alunos/as responderam de acordo com a definição e os demais não souberam responder; na décima pergunta (o que é transexual?), quatro alunos/as responderam com qualidade e conhecimento e os demais não souberam responder; na décima primeira pergunta (o que é nome social?), sete alunos responderam que sabiam o significado e os demais responderam não saber; na décima segunda pergunta (na escola é permitida a inclusão do nome social?), uma aluna respondeu que sim, sendo que os demais responderam negativamente. Contudo, após a dinâmica, observou-se que 15 alunos responderam de acordo com a definição e dois não entregaram o questionário – e assim considero que não responderam de acordo com a definição.

Na décima terceira pergunta (você percebe na sua escola “a pedagogia do insulto?”), onze alunos/as responderam que sim, e alguns colocaram que é mais por parte dos professores/as (houve o caso de um aluno que foi discriminado pelos seus colegas

porque queria fazer aula de dança); na décima quarta pergunta (você percebe na escola em que estuda ações discriminatórias?), tivemos três respostas positivas, um aluno que não soube responder e os demais responderam que não, e alguns colocaram que no IFSC isto não acontece, mas em outras escolas em que eles estiveram sim; na décima quinta pergunta (o que é diversidade?), oito alunos responderam de acordo com a definição e as demais respostas foram muito vagas e incompletas em sua maioria e na décima sexta e última pergunta (como sua escola se relaciona com a diversidade?), a maioria pensa que se relaciona bem, mas que existe uma minoria preconceituosa. Uma aluna citou que falta, em sua opinião, um apoio maior para as pessoas com deficiência.

Na sequência de meu trabalho com a turma 221, foram realizadas as seguintes perguntas:

1. Você gostou do filme *A garota dinamarquesa* e por quê?
2. O que mais lhe chamou a atenção e levará como uma mensagem?
3. Qual o tema principal do filme? Fale sobre isso.
4. Em relação à questão de gênero, o que podemos comentar?
5. Você acha que a atriz mereceu a premiação que recebeu por sua atuação no filme? Por quê?
6. Você indicaria para seus pais, amigos e colegas ver este filme? Por quê?

Aqui, um exemplo das respostas de uma aluna da turma:

1. Sim, eu gostei ele consegue te comover; você consegue sentir todas as emoções dos personagens. E aborda uma realidade.
2. Eu levarei como mensagem desse filme é que a nossa essência é imodificável.
3. Falar sobre as diferenças, autoconhecimento e aceitação e transgênero.
4. Bom posso falar que o gênero é sobre o que a pessoa é (homem e mulher) que é diferente de orientação sexual (que é justamente o gênero que a pessoa ama).
5. Claro que merecem, pois a atuação deles foi incrível, a atriz que fez a Gerda, podemos sentir o amor que ela sente pelo Einer. E a atuação dele faz com que as pessoas realmente acreditem que ele realmente é uma mulher.
6. Sim, pois é um ótimo filme.

Seguindo o trabalho com esta turma, nesta aula falamos sobre o que é gênero, orientação sexual, transgênero e nome social, trabalhamos com três grupos com

estímulo do aprendizado sobre estes conceitos com apresentações de esquetes teatrais, já buscando a partir destas ideias o nosso espetáculo que foi apresentado posteriormente.

O primeiro grupo trabalhou com a questão do poder, da submissão, da eliminação e utilizou a figura de Hitler; o segundo grupo trabalhou com a questão da inveja e usou a frase “muda o governo, mas não muda o sistema” e o terceiro grupo trabalhou com a questão da opressão e da tortura. Como palavras importantes que os alunos destacaram da aula deste dia, no momento da avaliação coletiva e dos comentários individuais compartilhados, foram escolhidas as seguintes palavras: liberdade, inovação, alegria, desejo, diferente, criatividade e justiça.

Na aula seguinte, trabalhou-se a questão dos privilégios, um trabalho que fizemos no curso GDE e que utilizei em sala de aula. Neste momento, solicitei que desse um passo à frente quem tinha dinheiro para comprar o lanche, por exemplo, quem estudou em escola particular, quem se sente ou já se sentiu excluído em seu grupo escolar, quem tinha comido em casa, etc. O exercício serviu para perceberem e verem o quanto alguns têm mais privilégios que outros, de acordo com as perguntas feitas. Depois deste exercício, foram separados três grupos e apresentados esquetes teatrais.

No segundo questionário entregue aos alunos para ver o resultado da aquisição de novos conhecimentos, observamos o seguinte resultado:

A pergunta sobre o que é preconceito não gerou maior diferença de entendimento, pois analisando os dois questionários percebe-se que, relativamente, se manteve o número de alunos que responderam segundo a definição do conceito pré-determinado anteriormente; mas em relação à pergunta sobre para você o que é gênero, percebe-se uma diferença de destaque e eficácia em relação aos procedimentos adotados, pois se constata na primeira experiência que nenhum aluno respondeu de acordo com a definição adotada e após, no segundo questionário, 76% demonstraram maior clareza na conceituação. A escolha deste tema para a criação de um esquete teatral contribuiu para o enriquecimento da discussão na sala de aula e uma maior apropriação dos conceitos por parte de alguns alunos. Gênero remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade – o qual nomeamos de papéis sexuais (JESUS, 2012).

Na questão número cinco (para você, o que é igualdade de gênero?), tivemos um resultado que nos mostra um progresso na aquisição de novos conhecimentos, pois, se no primeiro questionário tínhamos 41% que responderam de acordo com a definição, no segundo questionário este número aumenta para 88%. Na questão de número oito (você sabe o que é identidade de gênero?), de 12% que tínhamos na primeira vez, tivemos um

salto qualitativo e quantitativo de 71% que responderam de acordo com a definição. Isto foi muito relevante em nosso trabalho, pois era fundamental a compreensão destes conceitos para a qualidade deste trabalho cênico. Na questão de número nove (para você, o que é orientação sexual?), o resultado foi o seguinte: 71% não responderam de acordo com a definição, logo após a outra etapa, os mesmos 71%, agora sim responderam de acordo.

Para Carrara (2010, p.43), orientação sexual é o termo usado para se referir à capacidade de cada pessoa de experimentar profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de sexo diferente, do mesmo sexo, ou de mais de um sexo, assim como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas.

Na pergunta de número dez (para você, o que é transexual?), o resultado nos mostrou o seguinte panorama: 76% não responderam de acordo com a definição e os mesmos 76%, logo após a dinâmica, responderam de acordo. Isto foi muito importante para a compreensão do trabalho e para a criação da releitura através de um esquete em relação “A Garota Dinamarquesa”. Na pergunta de número onze (para você, o que é “nome social?”), na primeira vez, 59% não responderam de acordo com a definição, e no segundo questionário, 76% responderam de acordo com a definição.

Na pergunta de número doze (você sabe se na sua escola é permitida a inclusão do “nome social?”), na primeira vez apenas dois alunos/as responderam de acordo com a definição; já na segunda dinâmica, 15 alunos/as responderam de acordo com a definição. Por último, na pergunta de número quinze (o que é diversidade?), tivemos na primeira dinâmica, 53% que não souberam responder, e na segunda, 53% que soubera responder de acordo com a definição.

Tudo isto evidencia e nos mostra que houve maior compreensão dos conceitos trabalhados pela maioria dos/as alunos/as, contribuindo muito para o desenvolvimento do trabalho com qualidade, tanto no texto criado pelos/as alunos/as, a partir de esquetes feitas em sala de aula, como no trabalho cênico. Isto nos trouxe como resultado, a realização e a satisfação do trabalho bem-feito e bem-sucedido. No dia 21 de novembro, dia de nossa apresentação no auditório da Instituição, a reação do público foi a contento, tanto para o público presente, formado por professores/as, servidores/as, alunos/as e pessoas da comunidade, quanto para os/as próprios/as alunos/as atores/atrizes (apêndice D). No debate que tivemos após a apresentação do esquete “Quebrando as barreiras de uma sociedade ignorante”, uma menina do público, em sua fala, declarou que gostou muito da apresentação e que por ela isto deveria ser apresentado para toda a escola, pois

ainda há na Instituição muito tabu e preconceito sobre os temas abordados no esquete: a questão de três mulheres - uma mulher trans que sofre o preconceito dentro e fora de sua casa e as outras duas mulheres, uma que sofre violência doméstica e a outra que é oprimida pelo seu marido. Uma pessoa da plateia questionou como as meninas se sentiam fazendo aqueles papéis e se colocando no lugar daquelas mulheres. Uma das alunas respondeu que era muito triste saber que o que elas faziam como uma encenação acontece na vida real. Um aluno ator disse que gostaria de dar o seu depoimento, pois em alguns momentos ele quase desistiu de fazer o papel do “mecânico da borracharia”, que humilha e menospreza a sua esposa, por se sentir muito mal ao representá-lo.

Também houve um menino que disse que não haveria problema algum fazer qualquer tipo de piadinha entre os colegas em sala de aula, pois isto ficava só entre eles. O público replicou que é justamente nesta forma de pensar que se fortalecem e se propagam os preconceitos e as discriminações. Houve elogios também aos/às alunos/as atores/atrizes, em relação aos seus figurinos, cenário, maquiagem, iluminação, sonorização, cartaz de propaganda do esquete e elaboração do texto, e também em relação ao tempo que tiveram para desenvolver a parte final do trabalho, em pouco mais de um mês de ensaio, para posterior apresentação. No final, os/as alunos/as fizeram a denúncia de mãos dadas e em voz uníssona: “a cada sete minutos, uma mulher sofre violência no Brasil” e “com 600 mortes em seis anos, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo”.

Com o reconhecimento e repercussão esperada, os/as alunos/as da turma 221 decidiram que desejam se apresentar novamente, agora para seus pais e amigos, e para aquelas pessoas que quiserem ver e por algum motivo não tiveram a oportunidade.

Em relação às demais perguntas do questionário, por não serem tão diretas (serem perguntas abertas, com diversas possibilidades de respostas, que não posso desconsiderar), optou-se pela não inserção no corpo do trabalho, encontrando-se disponível no apêndice C.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A especialização em Gênero e Diversidade na Escola transformou significativamente a minha história pessoal. Nesta caminhada, tive uma descoberta pessoal importante, a qual me surpreendeu: sempre me vi como feminista, e a partir dos meus estudos durante o curso, descobri que em certos momentos da minha vida, cumpri papéis que considerava me caberem como mulher. Sem perceber, era a mulher “bela, recatada e do lar” que esperavam que fosse.

É muito interessante constatar o quanto sofremos a influência do meio em que estamos e como podemos enganar a nós mesmas, pois percebi, a partir daí, que a luta das mulheres, apesar de ter tanto tempo, é longa e árdua, necessitando de muita coragem e determinação. A história está nos mostrando isto neste momento: quando temos a nossa primeira mulher presidenta, que foi impedida de governar, nós - mulheres - sentimos na pele o quanto é difícil e arraigado em nossa cultura a questão do machismo, do preconceito e do desrespeito em relação ao sexo feminino. A luta da mulher trans é também uma luta do feminismo, pois é o ser feminino que está em jogo e sendo assim é uma luta de todas indistintamente.

Neste quesito, senti a importância dos estudos de gênero, que nos esclarecem e nos fazem compreender os significados das relações de poder em nossa sociedade, compreendendo o que a cultura espera que sejamos e o que realmente somos, com uma identidade única. Gostei muito e adotei para mim como educadora a frase de Nelson Mandela, que é tão simples e ao mesmo tempo, tão verdadeira: “se nós podemos aprender a odiar, também podemos aprender a amar”. Em um país como o nosso, que nasceu da miscigenação entre negros, brancos e índios, por que ainda não se aprendeu a amar a diversidade, por que há ainda tanto preconceito com o negro, tanta matança com os índios, tantas pessoas sem-terra em um país tão grande, tanta violência de gênero, com a criança, a mulher, o velho, o mendigo, o deficiente, os “LGBTTT”, os considerados “anormais”, os diferentes?

Aprendemos tantas coisas que nada contribuem para a melhoria de nossas vidas, sem saber da existência de mulheres como Bertha Lutz, por exemplo, uma brasileira que contribuiu enormemente para a luta das mulheres no Brasil. Em frente à minha casa, mora uma anã que, por sinal, tem o mesmo nome que eu, é chamada de Taninha. Entro neste assunto porque é onde houve uma grande transformação em minha vida em relação à deficiência. Poder pensar na questão do cuidado e da interdependência,

inerente ao ser humano, me fez ter um novo olhar em relação à minha vizinha: por preconceito, não conseguia me relacionar direito com ela. Tinha medo de que ela sentisse o meu olhar de “pena” sobre a sua situação. Através do estudo acerca desta questão, mudei de atitude: passei a compreender o seu ser e o seu valor, com mais humanidade. Este é um fato que considero muito importante, graças aos estudos nesta especialização.

Apreendi muitas outras coisas importantes também, como o fato de que a cultura é dinâmica, podendo transformar-se; que não se deve brigar com o outro e sim com as ideias; que se deve não só ter respeito e tolerância, mas também ter muito diálogo e compreensão; que se deve estar alerta para perceber o que é privilégio, fazendo constantemente este exercício; que falar de educação sexual é também falar de direitos sociais, de dimensão política, direitos humanos e cidadania; que a diversidade que se busca é aquela que percebe que os seres humanos são diferentes em suas experiências de vida, mas que é necessário garantir direitos iguais para pessoas diferentes.

É importante perceber que precisamos uns dos outros e que a escola é o melhor lugar para trabalhar com as questões de gênero e diversidade, para termos um mundo melhor, com mais humanidade, solidariedade, empatia, relação com a alteridade, inclusão, menos violência e mais justiça social.

No trabalho com os/as alunos/as da segunda fase do Curso Técnico de Edificações integrado ao Ensino Médio, pude perceber o quanto alguns/mas alunos/as acharam muito importante e se dedicaram com afinco para participar do trabalho, valorizando cada etapa e cada aula. Durante o percurso, os/as alunos/as de terceira fase desistiram e não quiseram mais fazer parte do processo - o que penso ser normal, pois em sua juventude eles se dão o direito de não querer continuar e partir para outras experiências. Contudo, percebo que a desistência deles tem a ver com a falta de credibilidade em mudanças na forma de agir das pessoas, tanto da escola, quanto de seus amigos e familiares, em relação às questões de gênero, segundo o relato deles mesmos, e também com a demora para isso acontecer, o que os desestimula nesta caminhada.

Entretanto, meu foco é naqueles/as alunos/as que continuaram até o final e tiveram a alegria do sucesso do trabalho bem-sucedido. Foi muito bom ver a felicidade dos/as alunos/as em poder apresentar o resultado de seu esforço e dedicação durante este semestre com muitas horas de ensaio e busca da qualidade das cenas e dos diálogos dos personagens. E também ver como o grupo estava coeso, cada um fazendo a sua

parte e cumprindo com o seu papel dentro do espetáculo. A mensagem final das personagens deixa bem claro o que elas queriam transmitir, traduzido em uma fala: “eu sou capaz de me sustentar, eu dependo só de mim para viver e ser feliz”. Outra diz: “eu não mereço apanhar, você não é meu dono, eu tenho voz e vou falar”. Por último, a mulher trans diz: “eu não sou uma doença, eu sou o que eu quiser ser, devo ser respeitada sim, você não é ninguém para me julgar, a minha vida pertence a mim”.

Em relação aos conceitos apresentados no questionário realizado no começo da pesquisa, percebeu-se uma significativa mudança de comportamento e de significação e ressignificação de conceitos sobre o tema gênero e diversidade na escola. Verificou-se uma apropriação dos conceitos de forma relevante para os/as alunos/as, com uma nova visão e importância sobre esta temática, sem dúvidas ou enganos, com mais clareza. Isso me deixou bem satisfeita em relação ao trabalho final de curso de especialização sobre Gênero e Diversidade na Escola – GDE, pois percebi que, ao se falar sobre esta temática, existem muitos enganos, medos e também de fato ignorância - o que só contribui para aumentar os preconceitos, discriminação e distanciamento da escola em relação aos anseios de seus jovens em trabalhar com as questões de gênero e diversidade no cotidiano escolar e dentro de sua realidade.

A arte tem o importante papel de transformar sonho em realidade através do “fazer de conta”. Através do teatro, cinema, da música, com criatividade e imaginação, provoca-se, sensibiliza-se e faz-se a reflexão com o público para a conscientização sobre o tema gênero e diversidade, mostrando assim com convicção que a arte imita a vida e que viver com arte faz-se necessário e é muito bom a todos os seres humanos.

A escola é a casa da busca de conhecimento e sabedoria, portanto, é muito importante que os profissionais que dela fazem parte tornem suas práticas destituídas de preconceitos e discriminação. Atitudes discriminatórias só contribuem para a perpetuação de concepções e estereótipos, como o determinismo biológico que se encontra presente nos padrões de gênero e que faz com que homens e mulheres fiquem presos em papéis pré-determinados para cada sexo sem contribuir de maneira clara e objetiva na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, que reconheça as diferenças como uma qualidade e um bem de todas e todos na convivência humana.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e Auto-Imagens**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2000.

BONDÍA, Larrossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. As Vítimas do Desejo: os tribunais cariocas e a homossexualidade nos Anos 1980. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras**; Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p.365-383

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. “**Tá lá o corpo estendido no chão...**”: a violência letal contra travestis no município do Riode Janeiro. Physis: Ver. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.16, n. 2, p. 233 - 249, 2006.

CARVALHO, Marília Gomes (Org). **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

ESTADÃO. **Brasil tem 1 denúncia de violência contra mulher a cada 7 minutos**. Disponível em <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-1-denuncia-de-violencia-contra-a-mulher-a-cada-7-minutos,10000019981>. Acessado em 20 out. 2016.

FANTIN, Monica. **Crianças, cinema e educação: além do arco íris**. São Paulo: Annablume, 2011. 346p.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org.). **Livro 2 – Módulo II- Gênero, diversidade sexual e religião: As diferenças de gênero no espaço escolar**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero // Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. 141 p. Livro didático.

HOOPER, Tom. **A garota dinamarquesa**. EUA, Reino Unido, Alemanha, 2016.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: 2012.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012. 80 p. (Série Cadernos da Diversidade, 6.)

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 156-168, maio/ago. 2003.

O IMPARCIAL. **Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais**. Disponível em

<http://www.jornaloimparcial.com.br/v2/?menu=&tpconteudo=artigo&id=9146&idc=9>.
Acessado em 15 out. 2016.

PIOVESAN, Flávia. **Temas de direitos humanos**. REVISTA USP, São Paulo, n. 69, p. 36-43, mar./mai. 2006.

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

APÊNDICE A
CD com áudio anexo na última página

Música Você pode aprender

Tania Meyer - 26/03/2015

Você pode aprender o BE a BÁ do respeito e do amor (Bis)

O bonito às vezes é feio por dentro
Não ame só o que você vê
O diferente também é como a gente
Não ame só o seu parente
Se é menino, se é menina, tanto faz
O importante é ser quem se é

Você pode aprender o BE a BÁ do respeito e do amor (Bis)

A religião é escolha de cada um
Não deixe de respeitar
A criança, o jovem, o velho
Respeite a idade que for
O branco, o preto, o amarelo
Não deixe de amar só por causa da cor

Você pode aprender o BE a BÁ do respeito e do amor (Bis)

O rico, o pobre, o mendigo
Não ame porque eles têm ou não têm
Não ver, não ouvir, não falar, não andar
Só por isso não quer dizer que você não vá amar
Gostar de brincar de carrinho ou de boneca
É brincadeira de toda a criança (Bis)

Independente da aparência, se é igual ou se é diferente
Você deve se permitir e conhecer toda essa gente. (Bis)

APÊNDICE B

Questionário sobre gênero e diversidade na escola:

1. Qual o seu nome completo e idade?
2. Qual é a sua formação acadêmica atual?
3. O que é preconceito?
4. Para você o que é gênero?
5. Para você o que é igualdade de gênero? Comente um pouco sobre isso.
6. Você considera importante debater sobre gênero na escola?
7. Descreva se já houve em seu ambiente escolar (em toda sua trajetória estudantil), ações educacionais excludentes motivadas por questões de gênero e/ou sexualidade.
8. Você sabe o que é identidade de gênero?
9. Para você o que é orientação sexual?
10. Para você o que é transexual?
11. Você sabe o que é “nome social”?
12. Você sabe se na sua escola é permitida a inclusão do “nome social”?
13. Você percebe na sua escola “a pedagogia do insulto”, por parte dos profissionais da educação ou por parte dos alunos? (Pedagogia do insulto = piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações e expressões desqualificantes diante daquelas/es que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem)
14. Você percebe na escola em que estuda ações discriminatórias ou formas de silenciamento da identidade de gênero e da diversidade sexual (tentativas de invisibilização das singularidades)?
15. O que é diversidade?
16. Como sua escola se relaciona com a diversidade (religiosa, sexual, étnica, classe social, deficiência, etc.)?

APÊNDICE C

3 - O que é preconceito?

Aluno A: É um juízo antecipado, onde são manifestados através de atitudes discriminatórias perante tudo que é considerado diferente.

Aluno B: É você julgar alguém pela sua aparência, religião, seu modo de vida sem mesmo a conhecer.

Aluno C: É a intolerância das pessoas com o próximo.

Aluno D: É o pré julgamento de alguém ou alguma cultura sem conhecimento dos pontos de vista destes, geralmente leva a discriminação.

Aluno E: É não aceitar as diferenças do próximo.

Aluno F: É você não gostar de alguma coisa e tratar mal.

Aluno G: É julgar a partir de uma noção pré concebida, conseqüentemente é julgar, oprimir, hostilizar uma pessoa ou um grupo de pessoas se baseando em alguma característica sua.

Aluno H: É uma opinião que se manifesta como uma atitude discriminativa, um pré conceito sem fundamento que leva ao ódio e não aceitação de raças, ideias, cultura, etc.

Aluno I: É um sentimento contra o que a pessoa não está acostumada, ou não gosta. Intolerância a algo que nem conhece direito.

Aluno J: É uma discriminação por qualquer motivo.

Aluno K: É você não aceitar as diferenças das pessoas que lhe cercam.

Aluno L: É quando alguém acredita que por algo ser diferente, aquilo não merece respeito ou dignidade.

Aluno M: É uma maneira antecipada e incorreta de julgar uma pessoa, um lugar ou uma cultura, impondo rótulos de maneira discriminatória sem ao menos ter conhecimento sobre aquilo.

Aluno N: É a pré determinação feita levando em conta generalizações expostas na sociedade, geralmente expressas por meio de diversos tipos de violência.

Aluno O: É quando alguém tem intolerância com algo.

4 - Para você o que é gênero?

Aluno A: Para mim gênero é um conjunto de definições, que define o que é homem e o que é mulher.

Aluno B: É o modo em que a sociedade determina o sexo masculino e feminino.

Aluno C: É a determinação dos papéis da mulher e do homem impostos pela sociedade.

Aluno D: Que gênero são as características determinadas socialmente e ou culturalmente a alguém a partir de uma semelhança que este tem com determinado grupo. Comumente encontramos a definição de gênero masculino e de gênero feminino baseado em suas anatomias naturais e nas características biológicas que lhe são específicas.

Aluno E: É masculino e feminino, é uma construção social que idealiza a função de um homem ou mulher perante a sociedade, seu papel na sociedade.

Aluno F: É o que é posto na sociedade, de acordo com o sexo masculino e feminino.

Aluno G: É a noção de “homem” e “mulher”, ou seja o conjunto de características designadas pela sociedade como típicas ou definidoras do papel e imagem social de cada um dos dois gêneros.

Aluno H: É o que diferencia socialmente as pessoas e como estas se identificam.

Aluno I: É o que é usado para separar as coisas de só homem ou só mulher faz.

Aluno J: É o modo com o indivíduo se identifica na sociedade.

Aluno K: É o gênero masculino ou feminino imposto pela sociedade.

Aluno L: É masculino e feminino, o que no contexto social, cultural diz ser para homens e mulheres, características, padrões para cada um.

Aluno M: É o que a sociedade usa para diferenciar sexo masculino do feminino. Atribui maneiras de ser, pensar e agir próprias para cada sexo, tal como: meninos só podem brincar de carrinho e meninas de boneca.

Aluno N: É uma construção social.

Aluno O: É a diferença social e cultural.

5 - Para você o que é igualdade de gênero? Comente um pouco sobre isso.

Aluno A: É uma igualdade para homens e mulheres terem os mesmos direitos e deveres em uma sociedade. Onde todos podem fazer suas coisas sem serem alvo de preconceito ou de uma interferência de limitação, de estereótipo imposto pela sociedade em que vivemos.

Aluno B: É a igualdade entre o sexo masculino e feminino tendo a mesma força de voz na política, o mesmo salário que um homem ganharia e não sofrer preconceito socialmente.

Aluno C: É direitos iguais para os gêneros.

Aluno D: Que a igualdade de gênero, é a igualdade de direitos, respeito e valorização de ambos os gêneros, sem colocar um como superior ao outro. Infelizmente apesar de óbvio desde de milhares de anos atrás até os dias de hoje vemos uma infeliz e hipócrita colocação do gênero masculino como superior ao feminino.

Aluno E: É direitos iguais aos gêneros diferentes.

Aluno F: É o gênero masculino e feminino serem iguais e terem direitos iguais.

Aluno G: É toda a pessoa independente do gênero, ser vista pela sociedade como igual, em todos os aspectos, assim a noção de igualdade de gênero se estende a igualdade de direitos, de tratamento, de valorização (socialmente em seu trabalho e etc...). É um assunto urgente e gritante, e é uma das principais bandeiras do movimento feminista.

Aluno H: Significa que homens e mulheres devem ter os mesmos direitos e deveres. Base de uma sociedade livre de preconceitos e discriminações.

Aluno I: É homens e mulheres terem os mesmos direitos e serem tratados da mesma maneira.

Aluno J: É a igualdade de direitos e deveres.

Aluno K: É ter todos os direitos iguais entre os sexos.

Aluno L: É igualdade social, cultural e econômica para ambos os sexos.

Aluno M: É quando todos os gêneros recebem o mesmo tratamento, todos tem os mesmos direitos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Aluno N: É direitos sociais, trabalhistas, econômicos (todos os direitos) iguais entre os sexos.

Aluno O: Seria todos os gêneros sendo tratados iguais, o que eu acho certo, pois somos todos iguais independente da escolha, tipo tratar uma pessoa homossexual igual a uma heterossexual.

6 - Você considera importante debater sobre gênero na escola?

Aluno A: Eu acho bem importante debater sobre gênero na escola, pois é uma forma de que as pessoas abrirem a cabeça, e se libertar de ideias ultrapassadas sobre gênero.

Aluno B: Sim, para maior compreensão dos alunos sobre este assunto.

Aluno C: Considera importante debater sobre gênero na escola.

Aluno D: Que considera importante debater sobre gênero na escola, pois é importante que saibamos reconhecer que cada um tem sua linha de pensamento e que não deve haver discriminação de alguém por não seguir a mesma linha de pensamento que nós e reconhecermos que todos somos seres humanos, e que ninguém é igual a ninguém.

Aluno E: Sim considera importante debater sobre gênero na escola, pois a visão radical de que o gênero se restringe interfere no meio social.

Aluno F: Sim, considera importante debater sobre gênero na escola.

Aluno G: Sim, considera importante debater sobre gênero na escola, pois a busca pela conscientização dos jovens sobre este tipo de assunto é essencial para o desenvolvimento da sociedade.

Aluno H: Sim, considera importante debater sobre gênero na escola, pois muitas pessoas acabam sofrendo por serem reprimidas na sociedade conservadora em que vivemos. Para que todas as pessoas sejam respeitadas e possam respeitar os outros, debater sobre gênero é muito importante, pois assim podem entender que é na diversidade que reside a maior riqueza humana. Aprender que somos diversos em muitos aspectos e que essa diversidade não deve ser usada para classificar pessoas,

Aluno I: Sim, considera importante debater sobre gênero na escola.

Aluno J: Sim, considera importante debater sobre gênero na escola.

Aluno K: Sim, é muito importante debater sobre gênero na escola, para que todos se conscientizem.

Aluno L: Sim, é muito importante debater sobre gênero na escola, pois temos contato com pessoas diferentes e aprendemos a respeitar e se conscientizar.

Aluno M: Sim, considera importante debater sobre gênero na escola, pois se isso não for feito em casa nem na escola, a criança/estudante sempre será desinformada sobre o assunto, e se possuir um preconceito sempre o manterá.

Aluno N: Sim, considera importante debater sobre gênero na escola.

Aluno O: Sim, considera importante debater sobre gênero na escola.

7 - Descreva se já houve em seu ambiente escolar (em toda a sua trajetória estudantil), ações educacionais excludentes motivadas por questões de gênero e/ou sexualidade.

Aluno A: Relatou de que nunca presenciou ações excludentes em seu ambiente escolar.

Aluno B: Sim, por exemplo na educação física a aula de dança é exclusivamente para mulheres e a aula de futebol para homens.

Aluno C: Sim, já houve, as vezes muitos professores fazem comentários para alunos que se sentem constrangidos.

Aluno D: Não recorda de ter visto alguma ação realmente excludente, apesar de ter visto práticas da “pedagogia do insulto”, que podem motivar a prática daquela.

Aluno E: Sim, já houve ações excludentes, citando um garoto de má índole, preconceituoso, que insultou a imagem de pessoas que possuem orientação sexual diferente do padrão social.

Aluno F: Sim, já houve ações excludentes na escola, uma vez por um professor.

Aluno G: Não percebeu ações excludentes na escola, o mais próximo disso seria a divisão entre gêneros da educação física, que limita muito as opções dos alunos.

Aluno H: Sim, já houve ações excludentes em seu ambiente escolar, teve um garoto homossexual excluído das atividades por parte dos alunos, além das constantes piadas e ridicularizações.

Aluno I: Sim, já houve ações excludentes na escola, que já faz tempo em questão de cores e a maneira que uma menina deve se comportar.

Aluno J: Não houveram ações excludentes na sua escola.

Aluno K: Sim já houve em seu ambiente escolar ações excludentes, na educação física há muitas opções de esportes para meninos e menos para meninas.

Aluno L: Sim, já houveram ações excludentes na escola, pois alguns esportes na educação física são apenas para meninos.

Aluno M: Não lembra com clareza de nenhuma ação excludente na escola.

Aluno N: Sim, já houve ações excludentes em seu ambiente escolar, algumas vezes durante o último ano do fundamental tanto de alunos quanto da direção da escola (em relação a sexualidade).

Aluno O: Não lembra de ações excludentes na escola.

8 - Você sabe o que é identidade de gênero?

Aluno A: É como uma pessoa se vê a si mesma, é como ela se identifica.

Aluno B: É uma pessoa ser homem fisicamente, mas se identificar como mulher, independente do que a sociedade pense.

Aluno C: É o que você se identifica.

Aluno D: É o gênero com o qual a pessoa se identifica, independentemente de seu sexo biológico.

Aluno E: É o nome dado a orientação sexual.

Aluno F: É como você se identifica.

Aluno G: É a definição pessoal de seu gênero, com o qual gênero cada pessoa se identifica.

Aluno H: É como as pessoas se reconhecem dentro dos padrões de gênero estabelecidos socialmente.

Aluno I: É como uma pessoa quer ser reconhecida na sociedade.

Aluno J: É o gênero com o qual o indivíduo se identifica.

Aluno K: É como a pessoa se identifica perante a sociedade (independente do órgão).

Aluno L: É como a pessoa se identifica independente do órgão genital.

Aluno M: É o que cada pessoa se considera e se identifica, independente do sexo que nasceu.

Aluno N: É o gênero que a pessoa se identifica.

Aluno O: É o que eu me identifico.

9 - Para você o que é orientação sexual?

Aluno A: É que a pessoa ama. Se um homem ama uma mulher, se a mulher ama outra mulher ou se um homem ama outro homem.

Aluno B: Não sabe.

Aluno C: É o sexo que você se sente atraído.

Aluno D: É a orientação de atração de uma pessoa por determinado gênero.

Aluno E: É o sexo pelo qual você se sente atraído.

Aluno F: É a quem você se sente atraído, como, por exemplo, por mulheres, homens, transexuais, etc...

Aluno G: É a definição por quem alguém se sente atraído, normalmente identificado por gênero, exemplo heterossexual se sente atraído por gênero diferente do seu.

Aluno H: É indicada por quais gêneros a pessoa sente-se atraída, física, romântica e emocional.

Aluno I: Define o que a pessoa gosta sexualmente ou romanticamente.

Aluno J: É a atração a qual o indivíduo sente pelo outro.

Aluno K: É por quem a pessoa se atrai fisicamente e sexualmente.

Aluno L: É com qual sexo a pessoa se atrai sexualmente e afetivamente.

Aluno M: É a direção da atração e afetividade que uma pessoa tem em outra. Quando ela sente atração pelo sexo oposto, chamamos de heterossexual, quando sente atração pelo mesmo sexo, homossexual, e quando se sente atraído pelos dois, bissexual.

Aluno N: É por quem a pessoa sente atração/amor ou os dois ao mesmo tempo. Exemplo uma pessoa que gosta de ambos os sexos é bissexual (não generalizando pois rótulos são desnecessários).

Aluno O: É uma orientação para saber qual gênero eu realmente me identifico.

10- Para você o que é transexual?

Aluno A: É aquela pessoa que não se vê, não se identifica com aquela identidade de gênero do qual ela nasceu.

Aluno B: São pessoas que apresentam características de outro gênero.

Aluno C: É alguém que se identifica como o sexo oposto.

Aluno D: É uma pessoa que sente ser de um determinado gênero, estando em um corpo de outro gênero, exemplo: a garota dinamarquesa, Lili vivia no corpo de Einer.

Aluno E: É alguém que mudou de sexo cirurgicamente ou que passou a se identificar como sendo do sexo oposto.

Aluno F: É a pessoa que faz a cirurgia de mudança de sexo e que nasce de um sexo mas não se sente como ele.

Aluno G: É alguém que não se identifica pelo gênero que lhe foi designado socialmente (a partir de sua genitália).

Aluno H: É o indivíduo que possui uma identidade de gênero oposta ao sexo designado em seu nascimento.

Aluno I: É uma pessoa que se sente diferente em relação em como nasceu, Exemplo um homem que se sente uma mulher.

Aluno J: É aquele que apresenta traços de outro gênero.

Aluno K: É a pessoa que não se identifica com seu órgão biológico.

Aluno L: É quando alguém nasce com um sexo e ao longo da vida percebe que se identifica com outro sexo.

Aluno M: É quando uma pessoa se considera do sexo oposto em que nasceu, seja adotando roupas ou fazendo cirurgia para troca de sexo, ela será transexual.

Aluno N: É uma determinada pessoa que não se identifica com seu gênero biológico.

Aluno O: É aquela pessoa que quer ser seu sexo oposto.

11 - Você sabe o que é nome social?

Aluno A: É um nome em que a pessoa é chamada socialmente.

Aluno B: É você se chamar Pedro mais se identificar como Maria.

Aluno C: É o nome que a pessoa deseja ser chamado.

Aluno D: É o nome pelo qual alguém se identifica, ao passo que não se sente do gênero de seu nome de nascença e passa a lutar para ser reconhecido por aquele nome, mais uma vez o exemplo da garota dinamarquesa.

Aluno E: É o nome pelo qual você deseja ser chamado perante a sociedade.

Aluno F: É nome que a pessoa quer usar, como, por exemplo, meu nome é Laura mas quero ser chamada de Joaquim.

Aluno G: É o nome com o qual uma pessoa transexual se identifica, e portanto, pelo qual gostaria de ser chamada.

Aluno H: É como a pessoa deseja ser chamada de acordo como a pessoa se identifica em relação ao gênero.

Aluno I: É como a pessoa quer ser chamada, diferente do seu nome.

Aluno J: É o nome ao qual a pessoa quer ser chamada.

Aluno K: É o nome escolhido pela pessoa (o nome que ela se sente bem).

Aluno L: É o nome pelo qual alguém quer ser chamado, identificado, pode ser o mesmo do nascimento ou não.

Aluno M: É o nome que uma pessoa trans prefere ser chamada, por exemplo, se ela nasce homem mas se considera mulher, ela pode optar por um nome social.

Aluno N: É um nome adotado, quando a pessoa não se sente bem com o ganho por escolha da família. Não como se todos “pudessem” requerer ainda mais que é um processo bem complicado, mas em casos que gerem um desconforto muito grande.

Aluno O: É o nome ao qual eu quero ser chamada.

12 - Você sabe se na sua escola é permitida a inclusão do nome social?

Aluno A: No IFSC é permitido o nome social.

Aluno B: Sim.

Aluno C: É permitido a inclusão do nome social no IFSC.

Aluno D: Soube a través da professora que atualmente é permitido a inclusão do nome social no IFSC.

Aluno E: Sim, na nossa escola é permitida a inclusão do nome social.

Aluno F: Sim, na nossa escola é permitida a inclusão do nome social.

Aluno G: Sim, na nossa escola é permitida a inclusão do nome social.

Aluno H: O IFSC adotou o nome social desde 2010.

Aluno I: Sim, é permitido a inclusão do nome social no IFSC.

Aluno J: Sim, é permitido a inclusão do nome social no IFSC.

Aluno K: Sim, no IFSC é permitida a inclusão do nome social desde 2010.

Aluno L: Sim, é permitida a inclusão do nome social no IFSC.

Aluno M: Sim, é permitida a inclusão do nome social no IFSC.

Aluno N: Sim, é permitido a inclusão do nome social no IFSC desde 2010.

Aluno O: Sim, no IFSC é permitida a inclusão do nome social.

13 - Você percebe na sua escola a “pedagogia do insulto”, por parte dos profissionais da educação ou por parte dos alunos? (Pedagogia do insulto = piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações e expressões desqualificantes diante daquelas/es que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem).

Aluno A: Não percebo a pedagogia do insulto por parte dos professores, mas pelos alunos, sabe que ainda possui.

Aluno B: Não.

Aluno C: Já percebeu a pedagogia do insulto.

Aluno D: Sim, percebe na nossa escola a “pedagogia do insulto”, infelizmente dentro de nossa própria turma e não somente nela, mas prefiro não citar nomes.

Aluno E: Ela não percebe por parte dos profissionais.

Aluno F: Sim, percebe a “pedagogia do insulto” na escola.

Aluno G: Sim, já percebeu a “pedagogia do insulto” por parte tanto dos professores quanto dos alunos. Situações como o uso de termos como “viadinho” e “menininha”, de modo pejorativo, com o objetivo de constranger ou humilhar, já aconteceram diversas vezes.

Aluno H: Sim, percebe a “pedagogia do insulto” na escola.

Aluno I: Sim percebe a “pedagogia do insulto” na escola.

Aluno J: Não há “pedagogia do insulto” na escola.

Aluno K: Percebe na escola a “pedagogia do insulto”, que ainda existem pessoas que não aceitam.

Aluno L: Sim, percebe na escola a “pedagogia do insulto” por parte de professores e alunos.

Aluno M: Sim já percebeu na escola a “pedagogia do insulto”, já percebeu expressões desqualificantes vindas de profissionais da educação, mas são exceções, por parte dos alunos já ouvi algumas piadas e apelidos difamantes.

Aluno N: Sim, percebe a “pedagogia do insulto”, embora geralmente os profissionais do IFSC aparentam ser inclusivos, e compreenderem a importância de não fazer certas piadas, mas ainda ocorrem alguns casos que deveriam ser punidos de alguma maneira.

Aluno O: Não lembra da “pedagogia do insulto” na sua escola.

14 - Você percebe na escola em que estuda ações discriminatórias ou formas de silenciamento da identidade de gênero e da diversidade sexual (tentativas de invisibilização das singularidades)?

Aluno A: Não percebo.

Aluno B: Não.

Aluno C: Sim, percebe ações discriminatórias na escola, percebe algumas situações em que isso fica bem claro.

Aluno D: Sim, percebe ações discriminatórias.

Aluno E: Sim, percebeu ações discriminatórias, mas não descaradamente, apenas através , por exemplo, da “pedagogia do insulto”, que não deixa de ser uma forma de opressão.

Aluno F: Sim, já percebeu ações discriminatórias na escola.

Aluno G: Sim, percebe ações discriminatórias na escola.

Aluno H: Já percebeu ações discriminatórias de alguns alunos.

Aluno I: Sim, percebe ações discriminatórias na escola.

Aluno J: Não percebe na escola ações discriminatórias.

Aluno K: Sim, percebe na escola ações discriminatórias, com algumas palavras que possam ofender.

Aluno L: Não percebe na escola ações discriminatórias.

Aluno M: Não percebeu ações discriminatórias até agora, vejo que minha escola aceita muito bem a todos.

Aluno N: Sim, percebe na escola ações discriminatórias, acredito que de uns tempos para cá esteja rolando mais casos de discriminação, não pela maioria, mas quando uma das principais (ou principal) porta de representatividade estudantil prolifera certas “piadinhas” é complicado.

Aluno O: Eu acho que não percebo ações discriminatórias na escola.

15- O que é diversidade?

Aluno A: É tudo aquilo que é variado, por exemplo as características dos brasileiros é diversificada, pois no Brasil, temos uma sociedade com uma diversidade, variações culturais e físicas.

Aluno B: Vários, diferentes.

Aluno C: É a diferença em grande quantidade.

Aluno D: É toda a gama de possibilidades de características que definem cada um, é a variedade delas, que caracteriza a sociedade, pode ser através das diferentes crenças, culturas, origens, situações de vida (...) de cada um.

Aluno E: É tudo que nos diferencia de algo ou de outro. É o conjunto de ideias, escolha, opções, etc que cada pessoa possui.

Aluno F: É a pluralidade de ideias, maneiras de se vestir, etc, em uma sociedade.

Aluno G: É a variedade de culturas, comportamentos e costumes do ser humano, é a diferença de pensamentos e ideias de cada um, isso forma a nossa diversidade.

Aluno H: É quando há diferenças, não é tudo igual, tem variedade.

Aluno I: É a diferença, o diferente.

Aluno J: É a diferença.

Aluno K: É você aceitar as pessoas, independente da sua orientação sexual.

Aluno L: É a variação das coisas como opiniões.

Aluno M: É um conceito amplo, são diferenças, diferentes aspectos culturais, religiosos, políticos e outros de um determinado grupo.

Aluno N: É uma variedade de pensamentos políticos/econômicos/gênero e outros juntos de alguma forma.

Aluno O: Vem de várias, várias coisas, nada igual ou tudo diferente.

16 - Como sua escola se relaciona com a diversidade (religiosa, sexual, étnica, classe social, deficiência, etc.)?

Aluno A: Escola se relaciona bem com a diversidade.

Aluno B: A escola tem um relacionamento muito bom com a diversidade.

Aluno C: Que tem relação a diversidade a escola é bem compreensiva.

Aluno D: No meu ponto de vista esteja razoavelmente bem, porque tem projetos como o da professora que incentivam o respeito na diversidade e até mesmo entre muitos alunos há grande compreensão em relação a isso, porém infelizmente em alguns casos vemos a discriminação do “diferente”, muito presente mesmo quando não de forma proposital, alguém que tem costumes e ideias diferentes da pessoa que a discrimina.

Aluno E: A maioria da nossa escola é acessível em relação a diversidade.

Aluno F: A escola se relaciona bem com a diversidade, tirando algumas pessoas.

Aluno G: A escola se relaciona bem com a diversidade, mesmo havendo casos de discriminação, preconceito, desrespeito vindo tanto de alunos quanto de professores, há uma série de professores, servidores e alunos que defendem e incentivam a diversidade, promovendo conscientização e respeito através de aulas, debates e conversas.

Aluno H: Se relaciona muito bem com a diversidade, existe a conversação e discussão sobre o assunto e muitos alunos e professores promovem a conscientização e o respeito.

Aluno I: A escola se relaciona bem com a diversidade, acha que é respeitado no geral, mas ainda existem alguns que fazem piadas ou trocadilhos com o assunto específico.

Aluno J: A escola aceita de uma forma boa a diversidade.

Aluno K: A escola não se relaciona bem com a diversidade, algumas pessoas ainda praticam o preconceito.

Aluno L: A escola se relaciona bem com a diversidade, respeitosamente o mais possível.

Aluno M: O IFSC lida muito bem com a diversidade, alguns professores trazem esse assunto para a sala como tentativa de conscientização, assim como na aula de teatro, e também percebo que o colégio traz e divulga muitas palestras e debates sobre o assunto.

Aluno N: A escola ainda falta bastante para ser um modelo, em relação a diversidade, mas acredito estar no caminho.

Aluno O: Acho que a escola se relaciona bem com a diversidade.

APÊNDICE D

Encenação do esquete “Quebrando as correntes de uma sociedade ignorante”





ANEXO A



 3

 Curtir

 Comentar



em u o co:ixezutib. Homossexualismo é uma disfunção no corpo, então sim, é uma doença!

Curtir · Responder · 10 min

  16

4 comentários

ANEXO B

Quebrando as correntes de uma sociedade ignorante

Um roteiro De Laura Heineck Barbosa

Ato 01: Discriminação

Personagens:

Tamara como Mônica

Iara como Vitória

Tamires como Duda

Bela como Juliana

Francesco como Alberto

Mônica é transgênero, faz pouco tempo que fez a cirurgia de redesignação sexual e tem passado por muito preconceito de sua família e conhecidos. Ela ainda não se sente totalmente confiante com seu corpo, mas não se arrepende da escolha que fez. Suas amigas, Vitória, Duda e Juliana dão muito apoio para ela.

Cena 01:

(Ano 2016, no shopping)

(Mônica, Vitória, Juliana entram em cena)

[Grupo de amigas saem de uma loja, animadas e cheia de compras]

Vitória: Meninas, que mega promoção!!

Unanimemente dizem sim.

Cena 02:

(Muda a cena devido a entrada de mais personagens)

(Mônica, Juliana, Vitória, Luísa, Duda e Alberto)

[Grupo de amigas ficam surpresas ao encontrarem o casal]

Juliana: Olha só a Duda! Quanto tempo!

[Com abraços apertados se cumprimentam; Duda animada apresenta seu novo namorado]

Duda: Meninas, esse é o meu novo namorado, o Alberto.

[Alberto as cumprimenta com um abraço mas ignora Mônica; Vitória percebe o desconforto de Mônica e lembra a hora marcada no salão de beleza]

Vitória: Nossa! Já está na hora de ir para o salão de beleza, meninas.

[Todas se despedem. Grupo de amigas saem de cena]

Cena 03:

[Quando o grupo de amigas se separa do casal, Duda, indignada, questiona o comportamento de Alberto]

Duda: Alberto, por que você não cumprimentou a Mônica?

Alberto: Mônica? Pensei que era um menino!

Duda: Não, ela é mulher. Tem algum problema com isso?

Alberto: É estranho, porque até um tempo atrás era ele. Acho que você devia rever suas amizades.

Duda: Bom, Alberto. Eu acho que você deveria rever sua maneira de tratar os outros! Até mais.

[Após discutirem o acontecido, Duda deixa Alberto e vai ao encontro de suas amigas, que estão chegando no salão de beleza. Alberto sai de cena]

Cena 04:

[Quando Duda encontra suas amigas, conta tudo o que aconteceu e demonstra sua indignação com o preconceito. Mônica conta que seu cunhado não permite ela ter contato com sua irmã, Yvonete, depois que fez a cirurgia]

Duda (*grita de longe*): Meninas!

[Todas olham para trás surpresas em ver Duda]

Vitória: O que faz aqui? Cadê o Alberto?

Duda: Acabei de discutir com ele.

Juliana: Mas por que?

Duda: Porque ele não concorda que a Mônica seja minha amiga, ele disse que é estranho ele ser agora ela e eu não concordo com ele. Desculpa pelo desrespeito, Mônica.

Mônica: Tudo bem, Duda. Ultimamente tenho passado por isso. O meu cunhado não deixa mais eu conversar com a minha irmã depois que eu fiz a cirurgia.

Vitória: Vamos sentar para conversarmos mais.

[Todas saem de cena]

Ato 02: Relação abusiva

Personagens:

Felipe como Jorge Alves

Marina como Yvonete Alves

Isabela como Julia Alves

Geovana como Clarinha Alves

Marcelo como Miguel Alves

Cena 01:

(2016, na casa da família Alves)

[Yvonete é mãe de Miguel, Julia e Clarinha e casada com Jorge. Jorge trabalha o dia todo e Yvonete cuida da casa. Jorge é um homem machista e controlador. Como sempre, Yvonete está na cozinha preparando a janta, ajudando sua filha mais velha, Julia, com os deveres de escola e tentando dar atenção para Clarinha, sua filha mais nova. Ao chegar em casa, Jorge senta no sofá e ordena que Yvonete traga uma cerveja e reclama de como sua esposa está cuidando da casa]

Jorge (*gritando*): Mulher, traz logo a minha cerveja! E o que tu fez durante o dia? Limpar a casa é que não foi!

Yvonete (*com cabeça baixa e com a cerveja na mão*): Jorge, aqui está a cerveja. Eu fiz o meu melhor, mas a Clarinha faz muita bagunça!

Jorge (*um pouco alterado*): Então dá um jeito nessa menina! Eu não trabalho o dia todo para te sustentar e chegar em casa e estar tudo sujo!

[Yvonete vai para a cozinha sem dizer nada]

Cena 02:

[Seu filho mais velho, Miguel, chega e Yvonete pede para ele ajudar ela na cozinha. Ao ouvir isso, Jorge levanta, irritado, pois filho dele não faz “coisas de mulherzinha” e ordena Julia a abandonar seus deveres para ajudar sua mãe com a casa]

Miguel (*entra em cena*): Oi mãe.

Yvonete: Oi filho. Faz um favor para a mãe e limpa a louça para mim, por favor.

Jorge (*levanta do sofá e vai até a cozinha irritado*): Nada disso! Filho meu não faz coisas de mulherzinha! Você quer que ele fique igual o seu irmão, Yvonete?! Manda a Julia fazer isso!

Yvonete (*enraivecida*): Por que você tem que me tratar assim? Por que tem que falar isso da Mônica? Eu não sou obrigada a ouvir isso, Jorge!

[Clarinha fica nervosa com a situação e começa a chorar. Jorge grita com Yvonete. Miguel, Julia e Clarinha ficam no canto, só assistindo; Clarinha continua chorando]

Jorge (*irritado*): Faz essa cria calar a boca!

[Yvonete tenta acalmá-la, mas nada adianta e sem paciência, discute com Jorge e diz que vai embora. Jorge tira sarro e diz que ela não é capaz]

Yvonete (*nervosa*): Olha só o que você faz, Jorge! Meus filhos não merecem crescer perto de você! Nós vamos embora!

Jorge (*sarcástico*): Aé, Yvonete? Me conta para onde você vai? Com que dinheiro vai dar comida para eles? Vocês precisam de mim!

[Yvonete o escuta e volta atrás, Clarinha para de chorar, Jorge volta para o sofá e chama Miguel para fazer o mesmo. Julia leva Clarinha para o quarto e Yvonete volta para a cozinha]

[Todos saem de cena]

Ato 3: Violência doméstica

Personagens:

Emanuelle como Maria Silva
Bruno como Pedro Silva
Maria Júlia como Gabi
Maria Clara como Tenente Erika
Ana Clara como Tenente Massarra

Cena 01:

[Maria é casada com Pedro, tem um filho pequeno e sofre violência doméstica]

(Na cozinha da casa da família Silva)

[Maria entra em cena; Está cozinhando o jantar quando chega seu marido; Pedro entra em cena]

Pedro (*enraivecido*): Maria, cadê a janta? Tô morrendo de fome. Já era para estar pronto!

Maria (*nervosa*): Já está quase pronto, querido!

[O bebê começa a chorar e ela vai atendê-lo. Com ciúmes, Pedro vai atrás e manda ela terminar a janta logo, e ela não o obedece]

Pedro (*enciumado*): O que está fazendo aí? Volta logo para a cozinhar!

Maria (*indignada*): Eu preciso dar atenção para ele, não posso deixá-lo chorando!

[Pedro dá as costas e espera ela sair do quarto. Quando ela está indo para a cozinha, ele a empurra contra a parede e bate no rosto dela]

Pedro (*calmo e firme*): Eu tive que fazer isso para você aprender a me obedecer. Agora vai terminar minha janta e depois conversamos mais.

[Maria levanta do chão e vai para a cozinha chorando. Com medo, ela liga para a sua amiga e vizinha Gabi]

Cena 02:

[Maria liga para Gabi]

Maria (*sussurrando*): Gabi, o Pedro me bateu de novo, estou com muito medo! Chama a polícia para mim!

[Maria desliga o telefone e termina de fazer a janta e arruma o prato para seu marido; Maria vai para o quarto do bebê dar de mamar quando escuta a campainha tocar e Pedro abrindo a porta]

Tenente Erika: Você é Pedro Silva?

Pedro (*engole seco*): Sim, sou eu.

Tenente Massarra (empurra a porta): Recebemos uma denúncia de violência doméstica. Cadê sua esposa?

Pedro (*grita*): Maria, vem aqui, amor!

[Maria nervosa sai do quarto]

Pedro: Elas disseram que receberam uma denúncia. Diz para elas que foi engano!

[Maria, chorando, só abaixa a cabeça; Tenente Massarra e Tenente Erika entendem isso como um sim e prendem Pedro e levam em direção à porta; Maria fica com medo]

Pedro (*indignado*): Maria, por que você está fazendo isso? Como você vai ficar sem mim? Você sabe que eu te amo, diz para elas que é um mal-entendido!

Maria (*com medo*): Soltem ele! Eu não fiz nenhuma denúncia, deve ter isso engano!

Tenente Erika (*duvidando*): Acho que não, a denúncia foi bem séria! Você tem certeza disso?

Maria (*séria*): Toda certeza do mundo!

[Elas soltam Pedro e vão embora; Pedro fecha a porta e Maria, com medo, se joga aos pés de Pedro, e chorando implora perdão]

Pedro (*carinhosamente ajuda Maria levantar*): É claro que eu te perdoo, por que eu te amo e só bato em você quando merece e é só para ajudá-la a melhorar como esposa. Agora limpa tudo, porque estou cansado e preciso de um banho. Promete para mim que nunca mais vai fazer isso comigo, meu amor?

Maria: Sim.

[Pedro sai de cena. Maria vai para cozinha e recebe uma ligação]

Maria (*sussurrando*): Alô?

Gabi (*indignada*): Por que ele não foi preso?

Maria (*fingindo*): Era brincadeira Gabi, está tudo bem!

Gabi (*duvidando*): Maria, não é a primeira vez. Você precisa sair daí!

Maria (*incomodada*): Gabi, eu já te falei que não é nada. Não se meta na minha vida!

[Maria desliga o telefone e sai de cena]

Ato 04: Negação

Personagens:

Marina como Yvonete
Emanuelle como Maria
Maria Julia como Gabi

Cena 01:

(Na rua em frente a creche)

[Yvonete, Maria e Gabi se encontram todos os dias na hora de levar seus filhos para a creche]

Yvonete (*impressionada*): Maria, o que aconteceu com o seu olho?

Maria (*calma*): Eu fiz besteira ontem e o Pedro me corrigiu.

Gabi (*indignada*): Ele te corrigiu? Ele não pode te bater!

Maria (*incomodada*): Gabi, cuida da tua vida. Ele não faz por mal.

Yvonete (*desabafando*): Ontem eu quase fui embora de casa por que o Jorge briga muito comigo, tenho muito medo de ele me bater!

Gabi (*revoltada*): Vocês não precisam disso! Vocês não merecem isso! Isso não é viver e isso não amor!

Yvonete (*ofendida*): Gabi, você não sabe de nada! Não é você que tem filhos para criar!

Maria (*inconformada*): Gabi, você vai sustentar a gente por acaso? Quando precisarmos de ajuda nós te chamamos!

[Todas saem de cena]

Ato 05: Ignorância

Personagens:

Franccesco como Alberto
Felipe como Jorge
Bruno como Pedro

Cena 01:

(No futebol)

Jorge: E aí Alberto? Como tá a nova namorada?

Alberto: Já acabou. Esses dias ela fez um escândalo porque eu não quis cumprimentar um amigo dela que tinha virado mulher. (*Indignado*) Eu não sou obrigado a aceitar essas coisas!

Pedro (*debochando*): Pelo menos já se livrou! Não está que nem eu amarrado! A minha mulher faz cada coisa que eu preciso ficar corrigindo ela, só me dá dor de cabeça, tão burrinha! Nem sei o que seria de dela sem mim!

Jorge: Isso é verdade! Elas fazem tudo errado e ficam fazendo drama quando tentamos consertar as coisas, mas é tudo igual, elas sempre precisam da gente!

[Saem de cena]

Ato 06: Conscientização

Personagens:

Marina como Yvonete
Emanuelle como Maria
Tamara como Mônica

[As três mulheres entram em cena e repetem coisas que são obrigadas a escutar que as humilham e menosprezam].

Yvonete: Como vai se sustentar? Você não é nada sem mim! Você depende de mim!

Maria: Você que pediu para apanhar! Você merece isso! Cala a boca e me obedece!

Mônica: Você não é normal! Você nunca vai ser mulher, não importa quantas cirurgias façam! Para mim você continua homem!

[Elas olham para o espelho; Maria limpa o olho roxo, Yvonete tira o avental e Mônica passa batom. Após isso elas, olham para frente e repetem frases que são contrárias às primeiras]

Yvonete: Eu sou capaz de me sustentar! Eu dependo só de mim para viver e ser feliz!

Maria: Eu não mereço apanhar! Você não é meu dono! Eu tenho voz e vou falar!

Mônica: Eu sou o que eu quiser ser! Devo ser respeitada sim! Você não é ninguém para me julgar! A minha vida pertence a mim!

[Saem de cena]

ANEXO C



Quebrando as correntes de uma sociedade ignorante.

Uma ótima peça teatral em que busca abordar assuntos que ocorrem em nossa sociedade atual. O preconceito, o machismo, a violência doméstica e a opressão. A trama gira em torno de três mulheres, Mônica lida com o preconceito por ser uma mulher trans, Yvonne sofre com seu marido abusivo e Maria com a violência doméstica.

Venha assistir para saber como cada uma delas lida com seus problemas e como elas estão dispostas a mudar suas histórias.

Segunda, 21 de novembro às 16h35min.
Auditório, CAMPUS Florianópolis.